

Fartura e escassez

na ficção



VOX

ano 3 | nº 5 | 2013

Se ao menos houvesse pão

Jane Tutikian

Na mesa com Leopold Bloom

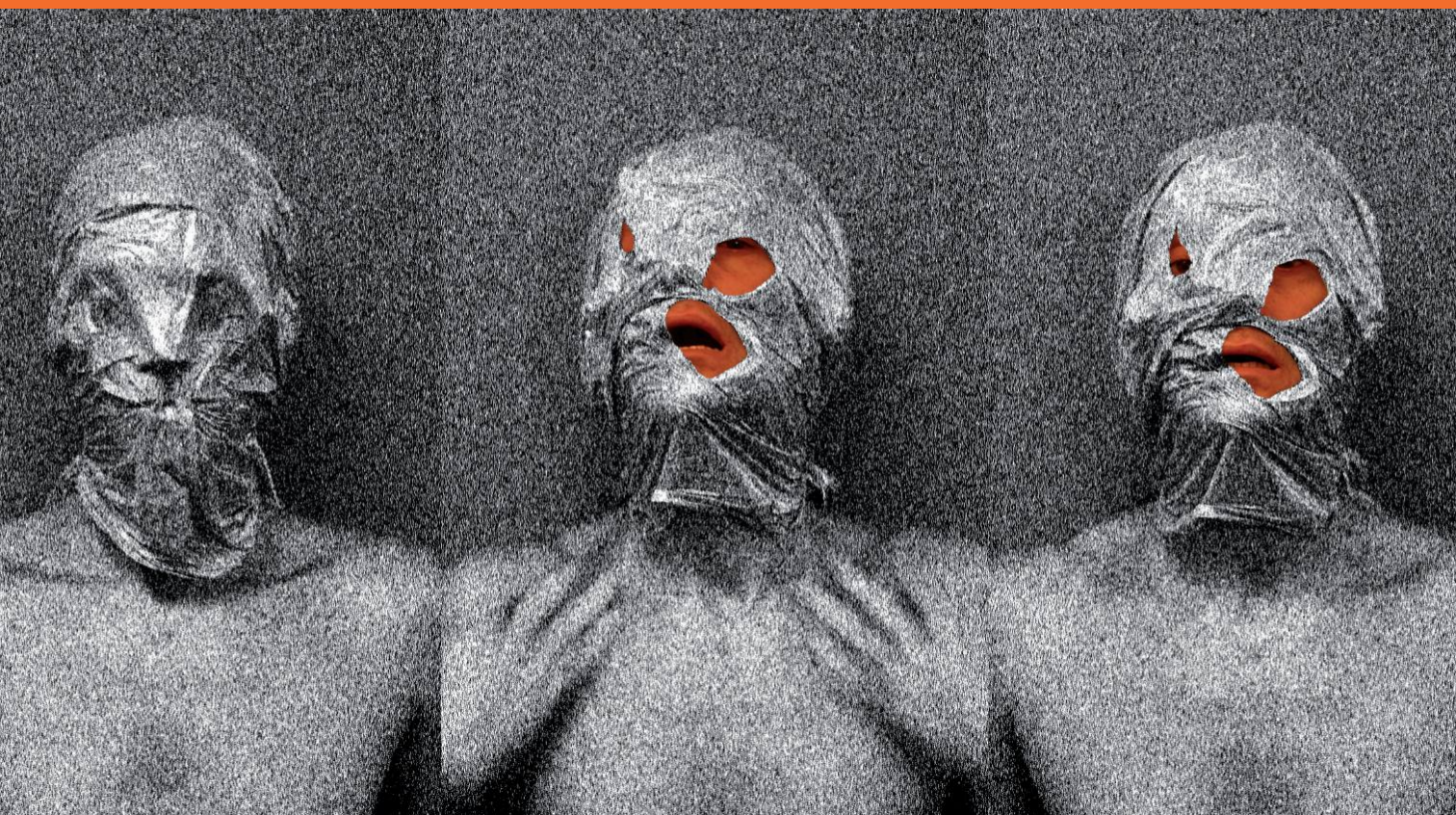
Priscila Pasko

Dos pães e a gênese do poema

Maria Carpi

Frei Genebro

Um conto de Eça de Queirós



Gastronomia e literatura



EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO
COMPANHIA RIO-GRANDENSE DE ARTES GRÁFICAS

VOX é uma revista cultural publicada pelo Instituto Estadual do Livro (IEL) e a Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag)
vox.ielrs@gmail.com

ISSN 1518-9600

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL Tailor Diniz / Reg. Prof. 4.912

CONSELHO EDITORIAL DA REVISTA VOX

IEL Clarissa Pont, Débora Peters, Denise Pereira, Jéferson Assunção, Laís Chaffe, Maria Emília Portella, Vera Spolidoro, Tailor Diniz

CORAG Mário Goulart, Paulo Bentancur, Paulo Wainberg, Walter Galvani

PROJETO GRÁFICO / Instituto Naumild - Jackson Brum

DESIGNER RESPONSÁVEL E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Alex Silva

ARTE DA CAPA Roberto Schmitt-Prym sobre fotografia de Walter Karwatzki

COORDENADOR DE PRODUÇÃO Paulo Bentancur

REVISÃO Estevão Cogoy e Paulo Bentancur

COLABORADORES Jane Tutikian, Maria Carpi, Jaime Cimenti, Celso Gutfreind, Rubem Penz, Priscila Pasko, Paulo Bentancur, Jussara Pereira Dutra, Luiz Antonio de Assis Brasil, Luciana Thomé, Marlon de Almeida, Mariana Müller, Sergio Napp, Marcella Mattar, Berenice Sica Lamas, Ronaldo Lucena, Mauro Paz, Wilson Gorj

Instituto Estadual do Livro (IEL)
Rua André Puente, 318
CEP 90035-150
Porto Alegre-RS
Fones (51) 33146450
iel@sedac.rs.gov.br
ielrs.blogspot.com

Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag)
Av. Cel Aparício Borges, 2199
CEP 90680-570
Porto Alegre-RS
Fone (51) 32889700
corag@corag.com.br
www.corag.com.br

DO MIOJO AO CASSOULET À TOULOUSE-LAUTREC

Mesmo sem uma análise criteriosa, é possível perceber que dois assuntos são presenças frequentes na literatura de todos os tempos – como foco principal do enredo, como pano de fundo ou como mera referência: a infidelidade, em especial a conjugal, e a culinária. Sobre o primeiro, três exemplos dão uma ideia dessa presença que se estende a outros muitos enredos, contemporâneos ou não: *Ana Karenina*, *O vermelho e o negro* e *Madame Bovary*. São livros que, ao longo do tempo, vêm merecendo reedições e versões para o cinema, sempre atuais e merecedoras de atenção.

O outro assunto, bem menos explosivo sob o ponto de vista emocional, é a culinária – a comida, que pode ser muita em alguns casos e pouca em outros, eficiente ferramenta da qual lançam mão autores de diversos estilos para determinar o nível social, de riqueza, de ostentação ou de pobreza de suas personagens.

Eça de Queirós, por exemplo, foi um mestre na arte de revelar, por meio da descrição de grandes banquetes, o caráter de suas criaturas e o papel de cada uma, seus movimentos e intenções no enredo proposto. Na obra de Eça, a mesa posta é um prato cheio para o exercício da ironia e da mordacidade, notórias presenças nas entrelinhas de seus textos. Mas nem por isso, por ter tratado a boa mesa como algo intrínseco aos seus propósitos narrativos, ele priva o leitor de salivar durante a leitura, seja na descrição de pratos sofisticados, como se vê em *A capital*; na

improvisação de um assado, como no conto “Frei Genebro” (que publicamos nesta edição) ou na simplicidade de um caldo de galinha, típico da vida simples do campo, em *A cidade e as serras*.

Assim como a fartura, a escassez (a pouca comida à mesa, ou a falta dela) também tem sido recurso de peso na representação social, das obras clássicas às atuais. Quem não sofre junto com a matriarca dos Joad, Ma Joad, em *As vinhas da ira*, no momento de ela ir ao fogão com a certeza de que, por mais esforço que faça, a comida não será suficiente para saciar a fome de todos os que se sentarão à mesa? Ou em *Germinal*, na casa dos Maheu, onde o pão é mínimo e a carne é só para o pai, aquele que mais esforço faz na tentativa de trazer o necessário para dentro de casa?

Da prosaica receita de miojo numa prova do Enem, passando pela apetitosa omelete de ervas aromáticas de *Afirma Pereira* (Antônio Tabucchi) ao *Cassoulet* à Toulouse-Lautrec de *A mulher da cor do tango* (Alicia Dujovne Ortiz), cujo tempo de preparo exige 24 horas, podemos concluir que, mesmo na imaginação, é impossível não nos rendermos às tentações da cozinha e da mesa. E às tentações de outros lugares da casa também, mas estas ficam para outra oportunidade, pois nesta edição de VOX o nosso interesse é pela mesa e pelo que nela é posto. Para o deleite de leitores e comensais.

Saúde!

Boa leitura.
Junho de 2013

06
SE AO MENOS HOUVESSE PÃO
JANE TUTIKIAN

12
DOS PÃES
MARIA CARPI

14
AS LETRAS, AS SOPAS E AS SOPAS DE LETRAS
JAIME CIMENTI

16
O SEXO DE FREUD
CELSO GUTFREIND

20
ANJOS E OUTROS DEMÔNIOS
RUBEM PENZ

23
NA MESA COM LEOPOLD BLOOM
PRISCILA PASKO

27
FREI GENEPRO
EÇA DE QUEIRÓS

34
FOME E SEDE DE GIGANTES
PAULO BENTANCUR

36
A COMIDA TAMBÉM CONTA HISTÓRIAS
JUSSARA PEREIRA DUTRA

38
LITERATURA E CULTURA GASTRONÔMICA
LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

43
ENQUANTO HUMANO
LUCIANA THOMÉ

45
PRATELEIRA

ORIGINAIS

47
CINZAS SOBRE O MAR
MARLON DE ALMEIDA

48
VIRGINDADE
MARIANA MÜLLER

50
POESIA
SERGIO NAPP

51
O MUNDO SE FECHA AOS NOSSOS OLHOS
MARCELLA MATTAR

57
POESIA
BERENICE SICA LAMAS

58
BOMBACHAS LIMPAS
RONALDO LUCENA

61
CONDICIONAL
MAURO PAZ

63
MINICONTOS
WILSON GORJ

LANÇAMENTOS

64
AS NOVIDADES DA COLEÇÃO ORIGINAIS

SE AO MENOS HOUVESSE PÃO...

JANE TUTIKIAN

ESCRITORA E PROFESSORA DE LITERATURA



Vincent van Gogh, Os comedores de batatas

“ Com um olhar sonhador, o Sr. Grégoire examinou aquela mulher e aquelas crianças esqueléticas, suas carnações linfáticas, seus cabelos descoloridos, a degenerescência que até as fazia mirrar, roídas pela anemia, de uma fealdade triste de esfomeados. ”

Émile Zola, *Germinal*

Estamos no século XIX, 1885, surge o primeiro romance escrito sobre as minas de carvão, na França, e sua gente e, ainda que constitua um notável painel social da época, com sua variedade de tipos humanos, a grande personagem do romance de Émile Zola, *Germinal*, é a fome, a escassez, a miséria.

Na verdade, o pai do Naturalismo francês tomou para si a premissa de Voltaire. Ao referir-se a Rousseau, Voltaire comentou: “Jean-Jacques escreve por escrever, eu escrevo para agir.” É exatamente este escrever “para agir” que define Zola e que define, em última análise, *Germinal*. Ao autorizar aos jornais socialistas a reprodução do romance, em novembro de 1885, escreveu: “Peguem *Germinal* e reproduzam-no. Eu não cobro nada porque seu jornal é pobre e porque vocês defendem os miseráveis.”

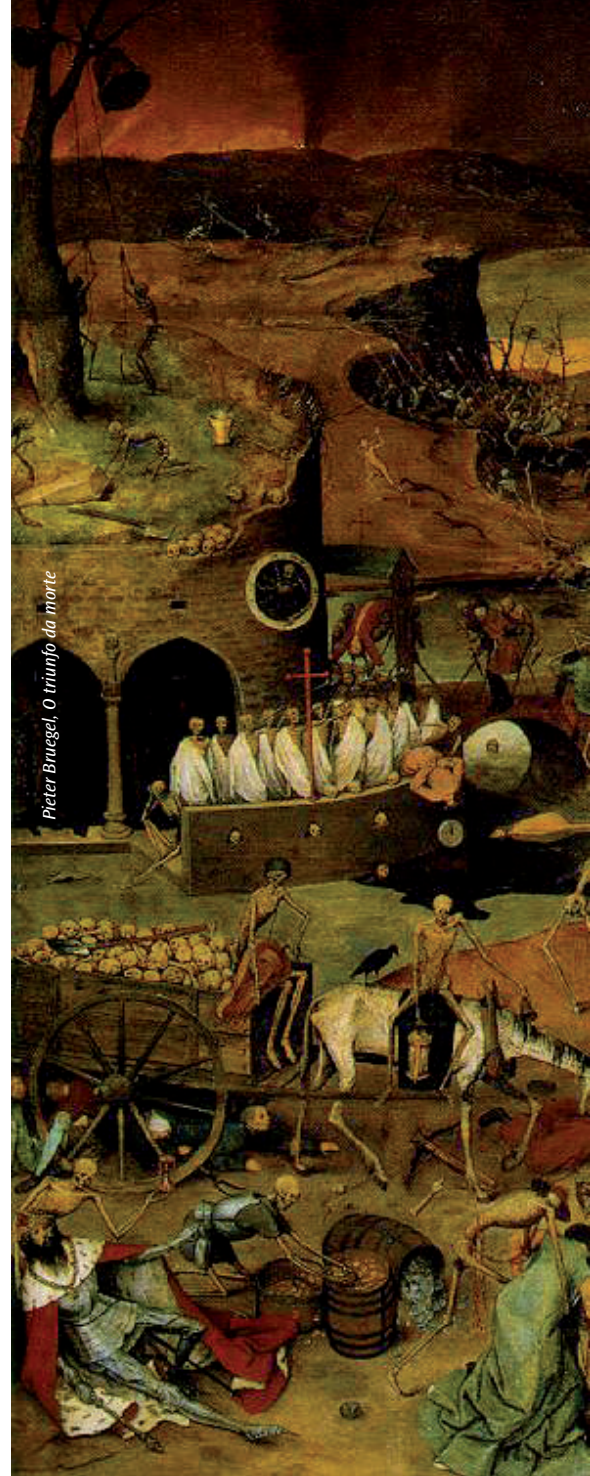
Ora, essas palavras impressas em “Peuple de Bruxelles” correspondem à atitude de revolta que é *Germinal*, correspondem a uma luta, às vezes coletiva (dos mineiros), às vezes individual (de Étienne), do sentimento de justiça contra a injustiça, da liberdade contra a opressão... O enredo gira em torno do jovem Étienne Lantier que, desempregado, é contratado para trabalhar nas minas de Montsou. Em contato com a vida de escassez e de miséria dos mineiros, ele se revolta. E quando

a Companhia, alegando crise, decide baixar o já minguado salário dos trabalhadores, espalha entre eles ideias revolucionárias e os incita à greve. Com ela vem a fome e os gritos da turba por pão. O exército intervém e os mineiros retomam o trabalho. Então, o anarquista russo Souvarine sabota a mina, e as galerias, inundadas, cedem. Mineiros morrem. Étienne fica preso e com ele Catherine (a jovem por quem está apaixonado) e o amante Chaval. O bruto Antoine Chaval provoca Étienne que, em defesa, o mata, e termina amando Catherine, mas ela morre em seus braços. Étienne é, enfim, salvo e parte para Paris, carregando consigo a esperança da organização da força de trabalho, ainda germinando.

Romance datado para uns, testemunho histórico para outros, um romance superado para outros ainda, o velho antagonismo Capital versus Trabalho para todos, um grande romance sempre.

Estamos, agora, no século XXI, em 2013, e, querendo ou não, a obra de Zola se redimensiona e atualiza em sua força simbólica. Certo! Posso ouvir: heresia! dirão os naturalistas “après la lettre”. Mas sempre poderei responder que ele ultrapassou o movimento que criou.

Pensem juntos: o escritor nos coloca diante de um mundo cindido, o mundo oculto, subterrâneo, sujo, e o mundo da superfície, claro, protegido. Nesta cisão, há um aparente equilíbrio. O desequilíbrio se manifesta quando o mundo escuro invade o mundo claro e se revela na escassez. A expressão “morrendo de fome”



Pieter Bruegel, O triunfo da morte



traduz o contraste entre os mundos, aqueles que comem, os ricos, e os outros, os que têm fome.

Esta cena é emblemática:

Muito obrigada, senhorita... Os senhores todos são muito bons. Os olhos encheram-se de lágrimas, estava certa de que lhe dariam os cem soldos, só não sabia como pedi-los se não oferecessem. A camareira estava custando a voltar, houve um silêncio embaraçoso. Agar-

radas à saia da mãe, as crianças arregalavam os olhos na contemplação do bolo.

— Você só tem esses dois? — perguntou a Sra. Grégoire para romper o silêncio.

— Não, senhora. Tenho sete.

(...)

— Sete filhos! Por quê, Santo Deus?

(...) A mulher de Maheu esboçou um gesto vago de desculpa. Que havia de fazer? Não eram planejados, vinham naturalmente. De-

pois, quando cresciam, sempre produziam, ajudavam na manutenção da casa. Na família dela, por exemplo, todos poderiam viver muito bem se não fosse o avô que começava a ficar velho; dos filhos, apenas dois dos rapazes e a moça mais velha é que estavam em idade de trabalhar na mina. O problema era alimentar os menores, que não faziam nada... (G. p.73)

Zola traz à literatura a vida quotidiana dos mineiros dominados pela fome, cansaço e miséria. São homens, mulheres e crianças a clamar por pão. Antes da greve, eles já estão lutando para comprar pão suficiente para alimentar a família. A carne é rara e reservada para o pai porque ele traz o maior salário para casa. A dieta dos outros consiste principalmente de pão e de sopa feita com vegetais cultivados no quintal. É um alimento pobre, desequilibrado, insuficiente em quantidade:

E a mulher de Maheu continuou a lamentar-se, cabeça imóvel, fechando os olhos de vez em quando, à triste claridade da vela. Falou do guarda-comida vazio, das crianças que pediam pão, do café que faltava, da água que dava cólica e dos longos dias passados a enganar a fome com folhas de couve cozidas. (G. p.15)



A cena em Emaús, segundo Caravaggio

Depois, durante a greve, tudo piora, eles são deixados para morrer de fome. No inverno, tudo se agudiza: falta pão, carvão, os móveis são vendidos ... as crianças passam fome. E na fome e na greve o pão é alimento e símbolo:

(...) Então havia-se de morrer de fome? Dentro em pouco as estradas estariam cheias de mendigos.

Sim, retrucava o velho, tudo isso ia terminar mal, Deus não tinha o direito de jogar tantos cristãos na desgraça.

— Nem todo dia se tem carne.

— Se ao menos houvesse pão!

— É verdade, se ao menos houvesse pão!” (G. p. 5)

Ou

Não sobraria nada, as fortunas e os títulos das situações adquiridas desapareceria, até o dia em que talvez desabrochasse uma nova sociedade. Sim, eram essas coisas que estavam passando pela estrada, como uma força da natureza, e vinha delas o vento terrível que lhes açoitava os rostos. Um enorme clamor se elevou, dominando a Marselhesa:

— Pão! Pão! Pão! (G. p. 275)

Quer dizer, além de alimento essencial para o corpo (e durante a Idade Média chegou a ser único alimento), além do significado simbólico ligado à sacralidade e à profanidade, além do seu vasto campo semântico, que envolve fecundidade, religião, tradições populares, mitos e conhecimentos científicos, o pão assumiu diferentes papéis, econômicos, políticos e ideológicos, ao longo da história da humanidade, sobretudo da Revolução Francesa à I Grande Guerra. E aqui, em *Germinal*, ele tem um valor particular, abarca todos os sentidos e por isso atravessa o romance do início ao fim como solução para a fome, mas é singularmente, metaforicamente, vida e vida nova.

Disse, no início deste artigo, que Zola escrevia para agir. Esta é a ação em *Germinal*, a lenta germinação de uma nova vida, de um novo mundo. “(...) brotava a vida, os rebentos desabrochavam em folhas verdes, os campos estremeciam com o brotar da relva. Por todos os lados, as sementes cresciam, alongavam-se furavam a planície, em seu caminho para o calor e a luz.”, observará o jovem Étienne ao deixar a região das minas. Mas vislumbrará mais, aqueles “Homens brotavam, um exército negro, vingador, que germinava lentamente nos sulcos da terra, crescendo para as colheitas do século futuro, cuja germinação não tardaria em fazer rebentar a terra.” (G. p. 409) Pão para todos, fim da escassez, a justiça é a esperança. :V

DOS PÃES

MARIA CARPI

48.

Puxei minha mãe pelas narinas
a dar-me a chave da casa desfeita

e invadida de heras. Minha mãe,
atemporal, quer atravessar as

salas aos quintais de laranjas
umbrosas e novamente jogar

a roldana com seu balde. Minha
mãe comigo destrança o perecido

e estende o viço em todo olvido.
E talvez queira a essa hora alvar,

acender o fogo para o assar
dos pães que de fome, mais sabe

a alma do que o fastio do corpo.

49.

Os pães nunca se os
cozem à noitinha. É

com o ar recém amanhecido,
com as mãos larvadas

de luz. Com os olhos saídos
dos sonhos mornos e a

boca selada apetecida.
Mas o fogo sim, quer-se

adentrado, que os pães
nunca se os cozem em fogo

iniciado. É no fogo derradeiro,
aquele que transferiu-se,

extinto, aos tijolos abrasados.

50.

Eu sou filha do interior
onde os pães não levedam

com acúmulos do acaso,
mas artesanal virtude

desde a luz do trigo
à luz da fome. Onde a

farinha e a água estão
à flor da pele. Onde não

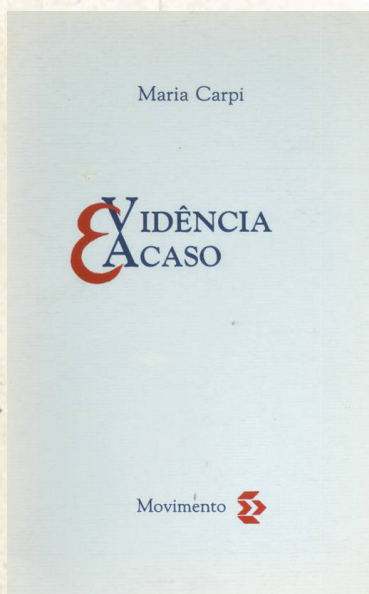
é o grão que se prepara
para a boca, mas a boca

que amadurece para o grão.
O trigo dali não sobe,

mas desce-entre-nós.
O pão dali não apenas

sustenta, mas profere
a palavra que dorme

na apetência. O pão escuta.



Do livro *Vidência e acaso*, Ed. Movimento/1992.

Quando jogaram impunemente a bomba atômica, eu estava no éden de minha infância, em Guaporé. Meus pais, Carpi e Eliza, administravam um hotel que ficava dentro de um vasto pomar. Sempre gostei mais do relato de fatos do que os ler em livros. As coisas que realmente aconteceram eram-me mais surpreendentes. E também não perdia nenhum acontecimento no vai e vem do hotel. Meu pai, preso duas vezes, por ser italiano e depois socialista, participava ativamente da política, entre os pratos e panfletos. E a feitura dos pães era belíssima. Minha mãe, de avental branco e touca na cabeça, comandava o espetáculo com suas ajudantes.

Às cinco da manhã, nada mais segurava na cama a criança de tranças. Num porão bem arejado, onde se guardava as compostas de frutas e os vinhos, a massa que crescia já estava nas gamelas sobre a mesa, cobertas por um pano alvejado ao sol. E começava o sovar juntamente com as cantorias. E, depois, a disposição da massa em formas de latão, quando os pães eram levemente untados pela bênção das mãos. Minha mãe terminava a tarefa fazendo-me pombas com olhinhos de feijão. A essa altura, no pátio, o forno já estava aceso e reduzira a lenha a grandes brasas. Com uma pá, retiravam-nas, deixando os tijolos abrasados aguardando para assar os pães. Era de manhãzinha, e os parreirais que dariam o vinho cheiravam a seu complemento, o pão.

Por isso que eu começo a feitura do poema *Dos Pães* com “puxei minha mãe pelas narinas” para mais adiante dizer “os pães nunca se os cozem à noite”. É com o ar recém amanhecido, com as mãos larvadas de luz”.

É preciso acender os sentidos para perceber que “o pão escuta”.

O que faz uma poeta? Nada mais do que a transfiguração de um fato que realmente aconteceu. [Maria Carpi] :V



Foto, Leonardo Brasiense

A GÊNESE DO POEMA

AS LETRAS, AS SOPAS E AS SOPAS DE LETRAS

JAIME CIMENTI

JORNALISTA E ESCRITOR, AUTOR DOS LIVROS *LÂMINAS PARALELAS* E *O NOME DA RELAÇÃO*

Depois do silêncio e do verbo, depois da criação divina ou do *Big Bang*, você decide, desde sempre a palavra, isolada, em frases soltas, em prosa ou verso, se ligou com a comida, dando-lhe nome e significado. Nas cavernas, a comida era da mão para a boca; depois, com o fogo, e mais adiante, com fogões sofisticados como o italiano Lofra, as palavras foram mostrando nossos assados, batatas fritas e um monte de coisas, até chegarmos às “espumas” de tomates e outras gastronomias moleculares e nucleares. Cozinha virou, tipo assim, laboratório de Einstein. Uns acham isso exagerado, querem comida de verdade, os alimentos que a vovó comia, outros querem mais é comer polvo com os tentáculos com as cores do arco-íris e essência de pó de cebola desidratada.

Na *Ilíada*, tem carne de carneiro e, nos tempos de Jesus Cristo, a dieta era maneira: mel, azeitonas, azeite de oliva, peixes de escama, bacalhau, aveia, castanhas, leite, coalhadas, romã, uva, trigo em grão, arroz integral. Além de paz e amor, JC, elegante, nos deixou um saudável recado gastronômico mediterrâneo. Beleza. A humanidade sempre foi composta de gordos e magros, Quixotes e Sanchos, ricos e pobres, nobres e plebeus, famintos e poupançudos.

Dê-lhe pão e circo, alimento para o corpo e para o espírito, livros falando de comida, de receitas, refeições, festas, nobres enfasiados e barrigas vazias que motivaram revoluções, guerras, guilhotina, migrações. Escritores magros e gordos, ricos e pobres, com apetite ou

sem. As ficções, os poemas e os textos de teatro, claro, sempre trataram disso tudo. Banquetes, Rabelais mostrando Pantagruel e Gargântua e suas comilanças e, de outro, Graciliano Ramos escancarando, em *Vidas secas*, uma família nordestina sem ter o que comer, a não ser o papagaio que acabou virando janta.

A gente não quer só comida e *A festa de Babette* mostra que, mesmo em ambiente espartano, na gélida paisagem nórdica, as pessoas se ligam em arte, mesmo ou principalmente na arte da gastronomia. Literatura abre o apetite, aguça os sentidos e inspira o paladar. Para nós, por exemplo, que tal a sequência de pratos portugueses descrita em *A cidade e as serras* de Eça

que éramos ogros na idade da pedra? Ou será que somos ogros agora, tomando o leite azul de *Star Wars* e traçando a pizza desidratada do filme *De volta para o futuro, parte II*. Enquanto degustamos o hambúrguer de siri do Bob Esponja, com a cerveja amanteigada e os sapos de chocolate do Harry Potter de sobremesa, nos lembramos da linguíça do Capitão Rodrigo, do Erico, e do bobó de camarão da Dona Flor, do Jorge Amado; e do *Sloppy Joe's* e dos drinques do Papa Ernest Hemingway.

Histórias, receitas, emoções, aromas e sabores estão nos doze capítulos de *Como água para chocolate*, de Laura Esquivel, que mostra o tamanho que pode ter uma cozinha e o que a comida pode significar para a vida de uma pessoa. Falta de comida, excesso de alimentos, comida simples, receitas sofisticadas, amor, desamor, refeições para alegrar ou confortar, personagens passando fome ou se empanturrando. Água, suco, refrigerante, vinho, cerveja, uísque, drinques estão, sempre estiveram e vão estar nos poemas e nas ficções.

Comer e dormir, a segunda e a terceira coisa mais importantes da vida. A literatura sempre mexeu com receitas afrodisíacas e com a primeira coisa mais importante, também, claro. Falta de comida nos deu o conto magistral *O artista da fome*, do gênio Franz Kafka, para quem tudo o que não era literatura era aborrecido. O protagonista é uma espécie de bisavô de nossas anoréxicas modelos, com seus corpos parecendo chapas de raio X. Os livros constroem nossa fome, nos dão fome de muita coisa. Os livros matam nossas variadas fomes. A fome, a saciedade, a barriga vazia ou cheia, o apetite e a falta dele, a vontade de comer ou o desejo de não alimentar as entranhas e se deixar levar para o outro lado. Silêncio, *Big Bang*, verbo divino, paraíso, maçã e serpente, expulsão do paraíso, suar o rosto para comer, histórias para contar. As letras, a sopa, a sopa de letras, as cozinhas e as comidas ainda estão aí, dentro e fora das ficções, mesmo com a ameaça não concretizada de ficarmos vivendo à base de pílulas de comidas dos *Jetsons*. Se os *Jetsons* virarem futuro de novo, bom, aí novas fomes e histórias virão. Sempre teremos fome de palavras, de histórias magras ou gordas e de uma comida boa para o jantar. :V

de Queirós, com o louro frango assado no espeto e as saladas?

Enquanto degustamos as *madeleines* físicas ou virtuais de Marcel Proust e refletimos sobre a inevitável passagem das pessoas, dos acontecimentos e do tempo, podemos meditar sobre o pernil de brontossauro dos *Flintstones*. Será



O SEXO DE FREUD

CELSO GUTFREIND

PSICANALISTA E ESCRITOR, AUTOR DE
O BOTO DO ARROTO, ENTRE OUTROS

Pierre-Auguste Renoir, Mãe amamentando o filho



Renoir

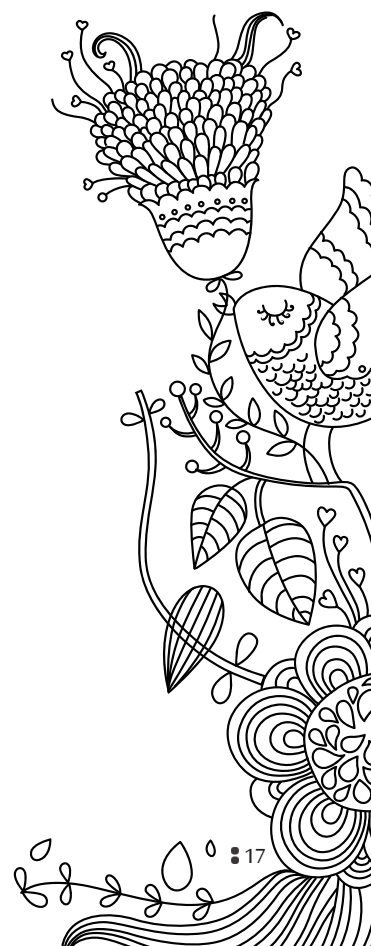
“ *Quem vê um bebê mamando mal desconfia que ali prepare a audição ou a leitura dos seus primeiros contos tradicionais e um best-seller bem sedutor.* ”

Quando dizem que Freud só falava em sexo, a acusação procede. Freud só pensava em sexo. Pinçou-o nos poetas e cientistas para depurá-lo a seu próprio estilo. Todos buscavam o sexo numa sociedade que os sufocava. Era quase metáfora da luta da vida contra a morte, tão cara também a Freud. Isso é um fato, embora mediado pelo conceito.

O conceito de sexo para Freud não é o sexo da pornografia, genital com genital, com ou sem preliminares. Não é o sexo dos filmes e dos livros quando falam em sexo. É relação, mas não sexual. É antes e depois. Tampouco é o sexo do amor quando a pornografia encontra o erotismo e, aí sim, a completude é atingida e a vida vence a morte, nem que na ilusão da completude.

O sexo de Freud, com o perdão do trocadilho sexual, era muito maior. Ele incluía a relação com o outro de que falamos e o investimento de uma energia vital (às vezes, mortífera) que lembra sim o sexo, mas o transcende.

O psicanalista sempre buscou a compreensão do humano. Não necessariamente no melhor ou no pior, que buscava conhecer, mas no verdadeiro, que não queria negar, ou seja, fora da vista grossa: a vida como ela era. Por isso, deu-se conta de que esta energia vital (e mortífera), sempre ambivalente, desde o começo, dirigia-se à boca e ao comer. Chamar de fase oral foi novamente um conceito, que Freud também transcendia.



Ele estava nos contando que nós, humanos, não nos limitamos à biologia, ao instinto, à pulsão, à sobrevivência. Somos maiores e menores do que a célula de nosso bem maior, o corpo. Somos, em seguida, dotados de linguagem e afeto, mas isso as outras espécies também possuem.

Possuímos é a originalidade desta subjetividade na linguagem e nas emoções, das menos às mais nobres, sobretudo no reconhecimento da subjetividade dos outros a partir da nossa. Ou seja, poesia. Somos seres essencialmente poéticos e, nesta possibilidade, nada é mais sexual que a poesia. Isso é construído numa relação e, para a psicanálise, o orgânico se reveste de sentido, sustenta-se nele.

Cronologicamente, de fato, tudo começa pela boca. Talvez tenha começado antes, no olhar e no toque, mas estes predominam de fora para dentro. A oralidade adentra, incorpora, a serviço do instinto e da sobrevivência; é o primeiro canal pelo qual um ato prazeroso se reveste de um ato relacional.

Se já éramos poesia, agora somos história. Há sexo nisso para Freud, não em genital com genital, mas no desejo de ser e continuar. O bebê que mama, o bebê que come, o bebê que coloca tudo na boca está experimentando o mundo. Concentrou entre a língua e os dentes o erotismo (sexo), mas tudo será decidido na qualidade da relação (sexual).

Como ele mama?

Como ele come?

A gente não quer só comida, cantaram os Titãs. A prática clínica corrobora. Se não mamar, morro; se não comer, morro; se não experimentar o mundo pela boca, situando nela o prazer de viver e de existir, não evoluo. Não vou adiante, porque faltou a base para onde sempre tentarei voltar à guisa de encontrá-la. Então, fumarei demais, beberei demais, jogarei (não brincarei) demais, comerei demais como forma de compensar o menos, o vazio do que não comi quando comer era ter a comida apresentada pelo outro, que a mostrava colorida, sagrada, prazerosa. Bêbados, gordos, fumantes (nós todos, em alguma medida) querem a justiça do resgate.

Mas se isso não for feito em condições afetivas (vivas, eróticas), se feito com muita ausência ou presença pouco pulsante, a vida pode preparar a sobrevida, mas não a vida em si. É sim preciso que o bebê que mama se sinta olhado, desejado, tocado, querido. Isto não significa que também não seja odiado, o ódio faz parte do amor e talvez o engendre. Não pode ser uma refeição indiferente.

Tudo passa então pela boca, onde começa o embate dos corpos. O amor custa a chegar à alma. Os contos tradicionais contam isso com seus lobos, ogros e seus corpanzís. Alimentar-se, no caso, é pretexto. Comer é, portanto, motivo para construir o banquete que o ultrapassa: sentir que o mundo é maior do que parece, que podemos confiar, amar, ser amado, continuar. A falta de prazer, a falta do outro, a frustração excessiva botam tudo a perder como um vômito.

Freud nos conta que, pouco tempo depois, a fonte do prazer desloca-se para a retenção das fezes e depois, para a genitalidade; tudo é muito rápido, nada se tatua no sexo específico que conhecemos e não é o de Freud. O dele é o de Eros, do amor, a mais eficiente tatuagem.

Essa oralidade foi a base. O primeiro andar do edifício. Sempre retornaremos a ela nas preliminares de um sexo amoroso ou durante uma refeição inteira. Mas onde entra a literatura nisso?

Entra completamente. Não é à toa que se chama língua. Se, para Freud, o

sexo era amplo e simbólico e uma boa experiência de alimentação relacionava-se a muito mais do que isso, porque significava se sentir amado; estaremos condenados a retomar a base, o começo, a origem. E, sobretudo, a buscar o símbolo.

Fome é um romance de Knut Hamsun. Knut Hamsun foi o maior mestre de Henry Miller. A literatura é um símbolo. Símbolo de sexo, de amor, não só para Henry Miller, mas para todos nós leitores que, como Barthes, buscamos o prazer do texto. Precisamos de símbolo, como de amor e de texto. O prazer do texto e da vida.

A literatura no caso é leite, conforme Pierre Lafforgue. Auxiliada pelo olhar e pelo toque de mãe ou cuidadora, como numa mamada qualquer. Que, para funcionar como alicerce, não pode ser qualquer.

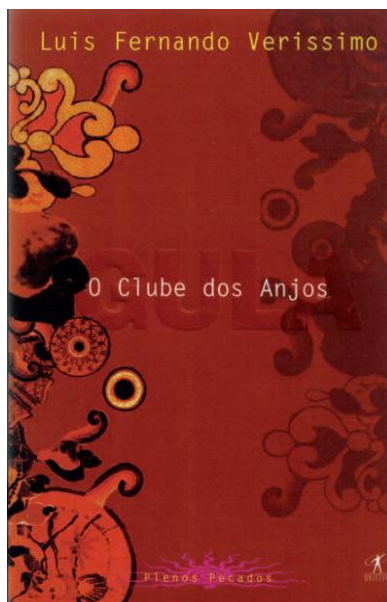
Quem vê um bebê mamando mal desconfia que ali prepare a audição ou a leitura dos seus primeiros contos tradicionais e um *best-seller* bem sedutor. Que está fazendo o sexo de Freud, desculpas para um amor maior e sem muita culpa, sem o qual morrerá por fora ou por dentro.

No entanto, se acolhido, tocado, olhado, desejado enquanto for alimentado com muita seriedade e brincadeira, passará pela mamadeira, pela papinha, pela salada, pela fruta. E chegará à carne concreta ou abstrata, onde gozará como se estivesse lendo o Shakespeare que um dia lerá. :V

ANJOS E OUTROS DEMÔNIOS

RUBEM PENZ
ESCRITOR E MÚSICO

A Editora Objetiva reuniu um seletto grupo de escritores – cinco brasileiros, um argentino e um chileno – para compor sua coleção *Plenos Pecados*, livros dedicados a cada um dos sete desvios capitais. Coube ao multitalentoso Luis Fernando Verissimo a gula para, assim, servir-nos uma novela deliciosa. Sua fama de apreciador das maravilhas gastronômicas justificou a escolha. O conhecimento de causa avalizou o acerto. Porém, como é trivial quando se trata de Verissimo, o que ele nos apresenta transcende o tema, com a gula servindo de mera entrada para um banquete de reflexões.



Em seu *Clube dos Anjos*, encontramos os ingredientes que posicionam o autor entre os melhores da literatura brasileira: fluência, estilo, sagacidade, bagagem intelectual e, acima de tudo, humor. Não aquele para gargalhar (mesmo que tenha me feito passar por isso durante a releitura dentro do ônibus): sua graça está em nos roubar as certezas. Rimos de nervosos, às vezes apenas com os olhos. Também por reconhecer em suas cenas a inventividade do gracejo no tempo certo e preciso: ao ponto!

Já nas primeiras frases, recordei das palavras que abrem o ensaio teórico da professora Maria da Glória Bordini no livro *O gícolô das palavras* (L&PM): “Luis Fernando Verissimo é um sujeito traíçoeiro”. Nem o mais conceituado estudioso poderia ser mais preciso e sintético em uma definição. Assim, com a habilidade de um grande *chef*, ele manipula conceitos de tal forma a contaminar com sabores indistintos autor, narrador e protagonista, tudo para que o leitor não dissocie um do outro quando provar da narrativa. Também orna o prato que serve de modo a parecer apenas – e apenas aqui não é um diminutivo – uma rápida novela policial.

O livro começa quando Daniel (narrador) está numa loja de vinhos e encontra Lucídio, que “não é um dos 117 nomes do Diabo” – e aqui, mesmo com a negativa, o conceito de pecado já aponta o rabo. Verborrágico, ele fala tudo sobre o Clube do Pica-dinho e seus amigos diante de um ouvinte atento, enquanto ele próprio, desatento, deixa passar o fato de o interlocutor conhecer a todos muito mais do que se possa supor a um desconhecido. Fala inclusive da crise por que passa o grupo, que iniciara com encontros no bar do Alberi desde a adolescência e se tornara mítico na cidade depois da entrada de Ramos, o mentor gastronômico de todos.

Depois de irem para o apartamento de Daniel, Lucídio mostra uma escama e a descreve como sendo de um grupo secreto de apreciadores que se reúne anualmente para saborear o fugu, peixe venenoso preparado por dez aspirantes a mestres. Se o cozinheiro erra o corte, libera o veneno e o comensal morre. Ao contrário do que possa parecer, cada vaga para experimentar a iguaria letal é disputadíssima, pois, na iminência de morrer, os sentidos se aguçam de forma que o prazer se torna inigualável.

Antes de partir, o misterioso amigo prepara uma omelete perfeita, fisingando o interesse de Daniel sobre seu talento culinário. Lucídio se propõe a cozinhar prometendo recuperar o ânimo do grupo. E começam os jantares fatais.

É a partir daí que Verissimo acrescenta mais um tempero singular. Se já não bastasse fundir autor e narrador no protagonista, este passa a dar ares de onisciência para intrigar ainda mais o leitor que se apercebe. Repousa justamente em tal sutileza muito do subtexto que faz a história suplantar os limites da gula e da novela policial. Avançando para além da compreensão de um narrador protagonista (já contaminado por uma voz de autor), Daniel incorpora seu grupo e, por extensão, sua classe social e estilo de vida. No fracasso pessoal de cada um dos componentes do Clube do Picadinho está a decadência de uma burguesia impune, incompetente e aética – e a denominação de *Anjos* entra como reforço irônico.

Mês a mês, o cozinheiro brinda um dos componentes com seu prato predileto, quase como marcando a hora de cada um deles para morrer. Mesmo diante da perplexidade do entorno, ninguém parece disposto a recusar o destino. Imagino que a aceitação da morte diante do prazer supremo à mesa possa ser vista como a consciência de que os regalos hipertrofiados da sociedade consumista nos encaminham para a iminente tragédia, mas, ao invés de isso servir de alerta, potencializa o gozo. Tanto que mais uma figura tão misteriosa quanto Lucídio, o cozinheiro, aparece para dar molho à trama: o paciente Sr. Spector. Este adia seus propósitos para o final, e não mais toco no assunto: jamais me perdoaria se estragasse a surpresa para quem ainda não leu.

Como em toda obra do mestre Verissimo, terminamos a leitura plenamente saciados. Porém – olha a gula! –, fica desejo para mais. Se o autor terminasse a história e promettesse mais algumas páginas, essas com o risco de matar o leitor, penso que estaríamos tentados a prosseguir, potencializando o prazer. Afinal, como diz na epígrafe do livro, em sentença atribuída a uma máxima japonesa, “todo desejo é um desejo de morte”. :V



NA MESA COM LEOPOLD BLOOM

PRISCILA PASKO

JORNALISTA

A história de Leopold Bloom – que se passa em um único dia, 16 de junho de 1904, em Dublin – durou mais do que 18 horas. Até hoje, leitores e não leitores do mundo inteiro se reúnem para ler e discutir *Ulysses*, obra de James Joyce (1882-1941), que motivou a criação do Bloomsday. O evento, no entanto, não se limita ao prazer da leitura, mas se estende ao paladar, que absorve, como um aroma envolvente, o universo de *Ulysses*.



“ Mastigava destemperadamente, o senhor Bloom, as vísceras de aves e quadrúpedes. Gostava de sopa grossa de miúdos, moelas acastanhadas, um coraçãozinho recheado assado, fatias de fígado fritas com farinha de rosca, ovas de bacalhoa fritas. Acima de tudo gostava de rins de carneiro grelhados que lhe davam ao paladar um fino laivo de tênue perfume de urina. Tinha rins na cabeça enquanto se movia delicadamente pela cozinha, ajustando as coisas do café da manhã dela na bandeja calombuda. Gélidos ar e luz estavam pela cozinha mas lá fora doce dia de verão por toda parte. Dava-lhe uma fominha. ”

(início do capítulo 4, tradução de Caetano W. Galindo, Penguin-Companhia das Letras, 2012)

Na celebração, os participantes se aproximam para festejar o fato de o escritor irlandês ter publicado, em 1922, um livro cuja ação se passa na data referida. A importância é tamanha que na capital da Irlanda, por exemplo, o Bloomsday ganha status de Carnaval fora de época. No dia 16 de junho, pessoas interessadas na obra do irlandês se encontram em bares, restaurantes, teatros e cinemas, nas ruas e nas praias, em espaços públicos e privados, em universidades e centros culturais.

É sabido que são inúmeros e inesgotáveis os elementos explorados na obra de Joyce, apesar da aparente impressão de trivialidade dos fatos que recriam o *Ulysses* de Homero: Leopold Bloom sai de casa pela manhã, passeia pelas ruas de Dublin ao lado de seu amigo Stephen Dedalus e retorna ao lar, onde encontra sua esposa Molly. Tudo isso em quase 18 horas.

“ Vocês têm sanduíche de queijo? Sim, Senhor. *Iam bem umas azeitonas também se eles tivessem. Da Itália eu prefiro. Bom copo de Borgonha; limpar aquilo. Lubrifica. Uma bela salada resolvia o pepino. O Tom Kernan é que sabe temperar. Põe um toque pessoal. Puro azeite de oliva. A Milly me serviu aquela costeleta com um raminho de salsa. Pegue uma cebola espanhola. Deus fez a comida, o diabo os cozinheiros. Comer num inferninho.* ”

(meio do capítulo 8, tradução de Caetano W. Galindo, Penguin-Companhia das Letras, 2012)

Contudo, além de incluir um universo de valores e de questões que passeiam entre a política, a sexualidade e o comportamento da sociedade da época, Joyce também dedica, em *Ulysses*, linhas generosas à comida. As descrições de sabores, texturas, aromas e paladares são tão ricos, que deixam o leitor a salivar. Não são pratos muito substanciais, todas as refeições descritas no livro são ligeiras.

Mesmo assim, o Bloomsday explora, também, em suas comemorações a degustação das referências gastronômicas relatadas em *Ulysses*. Quem participa da celebração em Dublin, por exemplo, costuma visitar o pub onde Bloom comeu um sanduíche de queijo gorgonzola. O pub chama-se Davy Byrne e funciona regularmente até hoje.

O físico apraixonado por literatura Aguiinaldo Severino, que há 20 anos organiza o Bloomsday na cidade de Santa Maria, um dos mais concorridos do Brasil, conta que os hábitos de alimentação, a forma como cada personagem se alimenta – e, de resto, vive, faz sexo, dorme, faz compras, sonha e viaja – em *Ulysses* são apresentadas naturalmente.

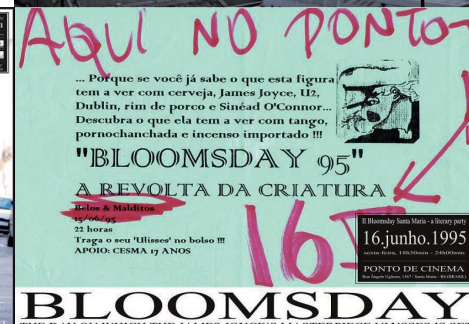
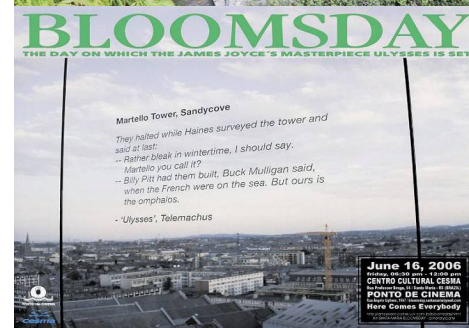
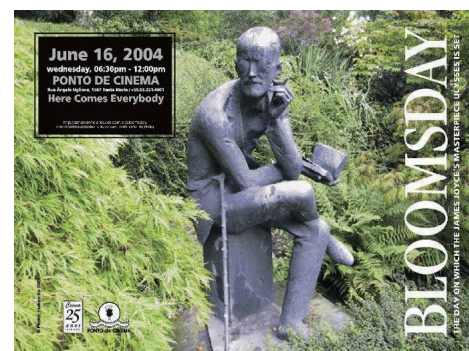
“Leopold Bloom carrega uma batata em seu bolso durante todo aquele dia, como uma espécie de talismã. Dedalus passa o dia sem comer nada sólido. Há quem veja nestas duas situações críticas de Joyce ao controle britânico sobre a Irlanda.” Severino esclarece que o legume simbolizaria a crise da batata que gerou grande fome, morte e êxodo em massa de irlandeses em meados do século XIX. O fato de Stephen não se alimentar durante o dia 16 de junho representaria a greve de fome que os prisioneiros irlandeses faziam nas prisões britânicas, como forma de denunciar os maus tratos que recebiam.

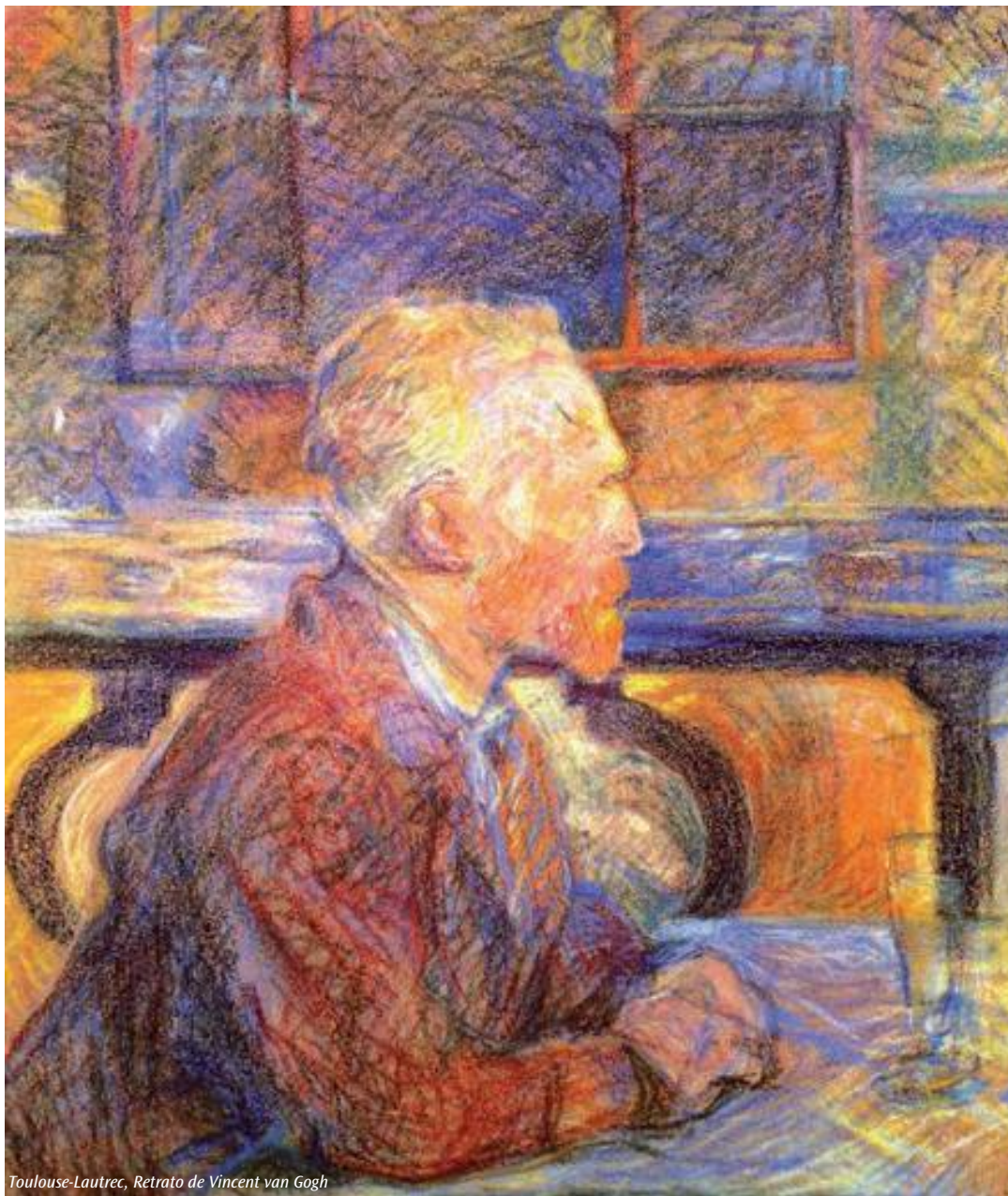
Em diversos trechos de *Ulysses*, Joyce descreve as refeições dos personagens. O livro começa com um café da manhã, onde Stephen e seus colegas esperam a entrega do leite, os personagens fritam ovos e bacon, fazem café e

chá. No capítulo quatro, Bloom prepara rins de porco grelhados e chá para seu café da manhã. “Talvez esta seja a passagem mais conhecida do livro. Como Bloom tem ascendência judaica, mas gosta particularmente de miúdos de animais e aves, o fato dele sair de casa para ir a um açougue comprar rins de porco frescos e prepará-los em seu café da manhã sempre chamou a atenção da crítica.” E são pratos como esses que fazem parte das celebrações comemoradas no dia dezesseis de junho.

Além da comida, a bebida também se faz presente na história. Bloom se mostra comedido e não bebe muito nos primeiros capítulos do livro, mas o faz na parte final. Quanto aos demais personagens, eles não se intimidam. Entre a bebida que mais se destaca na obra está a cerveja *Guinness*, que é consumida pelos leitores durante o Bloomsday. “Há um capítulo no livro, o décimo quinto, *Circe*, no qual Bloom e Stephen ficam em uma espécie de transe alcoólico e têm várias alucinações. Este capítulo é escrito como um drama, uma peça de teatro, e tem trechos muito divertidos que são usualmente encenados em pequenos *sketches* durante os Bloomsdays ao redor do mundo”, conta Severino.

Além de descrever os pratos e observar os hábitos alimentares, a comida assume – se não um papel protagonista, pelo menos o de coadjuvante, revelando nuances tão sutis quanto marcantes em *Ulysses*. Sorte dos leitores que a cada Bloomsday redescobrem sabores tão prazerosos quanto a leitura da obra de James Joyce. •V





Toulouse-Lautrec, Retrato de Vincent van Gogh

FREI GENEBRO

I

Nesse tempo ainda vivia, na sua solidão nas montanhas da Umbria, o divino Francisco de Assis – e já por toda a Itália se louvava a santidade de Frei Genebro, seu amigo e discípulo.

Frei Genebro, na verdade, completara a perfeição em todas as virtudes evangélicas. Pela abundância e perpetuidade da oração, ele arrancava da sua alma as raízes mais miúdas do pequeno, e tornava-a limpa e cândida como um

desses celestes jardins em que o solo anda regado pelo Senhor, e onde só podem brotar açucenas. A sua penitência, durante vinte anos de claustro, fora tão dura e alta que já não temia o tentador; agora, só com o sacudir da manga do hábito, rechaçava as tentações, as mais pavorosas ou as mais deliciosas, como se fossem apenas moscas inoportunas. Benéfica e universal à maneira de um orvalho de verão, a sua caridade não se derramava somente sobre as misérias do pobre, mas sobre as melancolias do rico. Na sua humilíssima humildade não se considerava nem igual a um verme. Os bravios barões, cujas negras torres esmagavam a Itália, acolhiam reverentemente e curvavam a cabeça a este franciscano descalço e mal remendado que lhes ensinava a mansidão. Em Roma, em S. João de Latrão, o Papa Honório beijara as feridas de cadeiras que lhe tinham ficado nos pulsos, do ano em que na Mourama, por amor dos escravos, padecera a escravidão. E, como nessas idades, os anjos ainda viajavam na terra, com as asas escondidas, arrimados a um bordão, muitas vezes trilhando uma velha estrada pagã ou atravessando uma selva, ele encontrava um moço de inefável formosura, que lhe sorria e murmurava:

– Bons-dias, irmão Genebro!

Ora, um dia, indo este admirável mendicante de Spoleto para Terni, e avistando no azul e no sol da manhã, sobre uma colina coberta de carvalhos, as ruínas do castelo de Otofride, pensou no seu amigo Egídio, antigo noviço como ele no mosteiro de Santa Maria dos Anjos, que se retirara àquele ermo para se avizinhar mais de Deus, e ali habitava uma cabana de colmo, junto das muralhas derrocadas, cantando e regando as alfaces do seu horto, porque a sua virtude era amena. E, como mais de três anos tinham se passado desde que visitara Egídio, largou a estrada, passou embaixo do vale, sobre as alpondras, o riacho que fugiu por entre os aloendros em flor, começou a subir lentamente a colina frondosa. Depois da poeira e ardor do caminho de Spoleto, era doce e larga sombra dos castanheiros e a relva que lhe refrescava os pés doloridos. A meia encosta, numa rocha onde se esguedelhavam silvados, nas ervas úmidas, dormia, ressonando consoladamente, um homem, que decerto por ali guardava porcos, porque vestia um grosso surrão de couro e trazia, pendurada na cinta, uma buzina de porqueiro. O bom frade bebeu de leve, afugentou os moscardos que zumbiam sobre a rude face adormecida e continuou a trepar a colina, com o seu alforje, o seu cajado, agradecendo ao Senhor aquela água, aquela sombra, aquela frescura, tantos bens inesperados. Em breve avistou, com efeito, o rebanho de porcos, espalhados sob as frondes, roncando e foçando as raízes, uns magros e agudos, de cerdas duras, outros redondos, com o focinho curto afogado em gordura, e os bacorinhos correndo em torno às tetas das mães, luzidios e cor-de-rosa.

Frei Genebro pensou nos lobos e lamentou o sono do pastor descuidado. No fim da mata começava a rocha, onde os restos do

castelo lombardo se erguiam, revestidos de hera, conservando ainda alguma seteira esburacada sobre o céu, ou, numa esquina de torre, uma goiteira que, esticando o pescoço do dragão, espreitava por meio das silvas bravas.

A cabana do ermitão, telhada de colmo que lascas de pedra seguravam, apenas se percebia, entre aqueles escuros granitos, pela horta que em frente verdejava, com os seus talhões de couve e estacas de feijoaço, entre alfazema cheirosa. Egídio não andaria afastado porque sobre o murozinho de pedra solta ficara pousado o seu cântaro, o seu podão e a sua enxada. E, docemente, para o não importunar, se àquela hora da sesta estivesse recolhido e orando, Frei Genebro empurrou a porta de pranchas velhas, que não tinha loquete para ser mais hospitaleira.

– Irmão Egídio!

Do fundo da choça rude, que mais parecia cova de bicho, veio um lento gemido:

– Quem me chama? Aqui, neste canto, neste canto a morrer!... A morrer, meu irmão!

Frei Genebro acudiu em grande dó; encontrou o bom ermitão estirado num monte de folhas secas, encolhido em farrapos e tão definhado que sua face, outrora farta e rosada, era como um pedaço de velho pergaminho, muito enrugado, perdido entre os flocos das barbas brancas. Com infinita caridade e doçura, o abraçou.

– E há quanto tempo, há quanto tempo, neste abandono, irmão Egídio?

Louvado Deus, desde a véspera! Só na véspera, à tarde, depois de olhar uma derradeira vez para sol e para a sua horta, se viera estender naquele canto para acabar... Mas havia meses que com ele entrara um cansaço, que nem podia segurar a bilha cheia quando voltava da fonte.

– E disse, irmão Egídio, pois que o Senhor

me trouxe, que posso fazer eu pelo vosso corpo? Pelo corpo, digo; que pela alma bastante tendes vós feito na virtude desta solidão!

Gemendo, arrepanhando para o peito as folhas secas em que jazia, como se fossem dobras dum lençol, o pobre ermitão murmurou:

– Meu bom frei Genebro, não sei se é pecado, mas toda esta noite, em verdade vos confesso, me apeteceu comer um pedaço de carne, um pedaço de porco assado... Mas será pecado?

Frei Genebro, com a sua imensa misericórdia, logo o tranquilizou. Pecado? Não, certamente. Aquele que, por tortura, recusa ao seu corpo um contentamento honesto, desagrade ao Senhor! Não ordenava ele aos seus discípulos que comessem as boas coisas da terra? O corpo é servo; e está na vontade divina que as suas forças sejam sustentadas, para que preste ao espírito, seu amo, bom e leal serviço. Quando Frei Silvestre, já tão doentinho, sentira aquele longo desejo de uvas moscatéis, o bom Francisco de Assis logo o conduziu à vinha, e por suas mãos apanhou os melhores cachos, depois de os abençoar para serem mais sumarentos e doces...

– É um pedaço de porco assado que apeteceis? – exclamava risonhamente o bom Frei Genebro, acariciando as mãos transparentes do ermitão. – Pois sossegai, irmão querido, que bem sei como vos contentar!

E imediatamente, com os olhos a reluzir de caridade e de amor, agarrou o afiado podão que pousava sobre o muro da horta. Arregaçando as mangas do hábito, e mais ligeiro que um amo, porque era aquele um serviço do Senhor, correu pela colina até os densos castanheiros onde encontrara o rebanho de porcos. E aí, andando sorrateiramente de tronco para tronco, surpreendeu um bacorinho desgarrado que fossava a bolota,

desabou sobre ele e, enquanto lhe sufocava o focinho e os gritos, decepou, com dois golpes certeiros do podão, a perna por onde o agarrava. Depois, com as mãos salpicadas de sangue, deixando a rês a arquejar numa poça de sangue, o piedoso homem galgou a colina, correu à cabana, gritou dentro alegremente:

– Irmão Egídio, a peça de carne já o Senhor a deu! E eu, em Santa Maria dos Anjos, era bom cozinheiro.

Na horta do ermitão arrancou uma estaca do feijoal, que, com o podão sangrento, aguçou em espeto. Entre duas pedras acendeu uma fogueira. Com zeloso carinho assou a perna do porco. Era tanta a sua caridade que, para dar a Egídio todos os antegostos daquele banquete, raro em terra de mortificação, anunciava com vozes festivas e de boa promessa:

– Já vai aloirando o porquinho, irmão Egídio! A pele já tosta, meu santo!

Entrou enfim na choça triunfalmente, com o assado que fumegava e rescindia, cercado de frescas folhas de alface. Ternamente ajudou a sentar o velho, que tremia e se babava de gula. Arredou das pobres faces maceradas os cabelos que o suor da fraqueza empastara. E, para que o bom Egídio não vexasse com a sua voracidade e tão carnal apetite, ia afirmando, enquanto lhe partia as febras gordas, que também ele comeria regaladamente daquele excelente porco se não tivesse almoçado à farta na Locanda dos Três Caminhos!

– Mas nem um bocado agora me podia entrar, meu irmão! Com uma galinha inteira me atochei! E depois uma fritada de ovos! E de vinho branco, um quartilho!

E o santo homem mentia santamente – porque, desde madrugada, não provara mais que um magro caldo de ervas, recebido por esmola à cancela de uma granja.

Farto, consolado, Egídio deu um suspiro, recaiu no seu leito de folha seca. Que bem lhe fizera, que bem lhe fizera! O Senhor, na sua justiça, pagasse a seu irmão Genebro aquele pedaço de porco!... E o ermitão, com as mãos postas, Genebro ajoelhado, ambos louvaram, ardentemente, o Senhor que, a toda necessidade solitária, manda de longe o socorro.

Então, tendo coberto Egídio com um pedaço de manta e posto, a seu lado, a bilha cheia de água fresca, e tapado, contra as aragens da tarde, a fresta da cabana, Frei Genebro, debruçado sobre ele, murmurou:

– Meu bom irmão, vós não podeis ficar neste abandono... Eu vou levado por obra de Jesus, que não admite tardança. Mas passarei no convento de Sambricena e darei recado para que um noviço venha e cuide de vós com amor, no vosso transe. Deus vos vele entretanto, meu irmão; Deus vos sossegue e vos ampare com a Sua mão direita.

Mas Egídio cerrara os olhos, nem se moveu, ou porque adormecera, ou porque seu espírito, tendo pago aquele derradeiro salário ao corpo, como a um bom servidor, para sempre partira, finda a sua obra na terra. Frei Genebro pensava quanto era magnânimo o Senhor em permitir que o homem, feito à sua imagem augusta, recebesse tão fácil consolação duma perna decerto assada entre duas pedras.

Retornou à estrada, marchou para Terni. E prodigiosa foi, desde esse dia, a atividade de sua virtude. Através de toda a Itália, sem descanso, pregou o Evangelho Eterno, adoçando a aspereza dos ricos, alargando a esperança dos pobres. O seu imenso amor ia ainda para além dos que sofrem, até aqueles que pecam, oferecendo um alívio a cada dor, estendendo um perdão a cada culpa: e com a mesma caridade que tratava os leprosos, convertia os bandidos. Durante as

invernias e a neve, vezes inumeráveis dava, aos mendigos, a sua túnica, as suas alpercatas; os abades dos mosteiros ricos, as damas devotas de novo o vestiam, para evitar o escândalo de sua nudez através das cidades; e, sem demora, na primeira esquina, ante qualquer esfarrapado, ele se despojava sorrindo. Para remir servos que penavam sob um amo feroz, penetrava nas igrejas, afirmando, jovialmente, que mais apraz a Deus uma alma liberta que uma tocha acesa.

Cercado de viúvas, de crianças famintas, invadia as padarias, açougues, até as tendas dos cambistas, e reclamava imperiosamente, em nome de Deus, a parte dos deserdados. Sofrer, sentir a humilhação eram, para ele, as únicas alegrias completas: nada o deliciava mais do que chegar de noite molhado, esfaimado, tiritando, a uma opulenta abadia feudal, e ser repellido da portaria como um mau vagabundo; só então, agachado nos lodos do caminho, mastigando um punhado de ervas cruas, ele se reconhecia verdadeiramente irmão de Jesus, que não tivera também, como têm sequer os bichos do mato, um covil para se abrigar. Quando um dia, em Perugia, as confrarias saíram ao seu encontro, com bandeiras festivas, ao repique dos sinos, ele correu para um monte de esterco, onde se rolou e se sujou, para que daqueles que o vinham engrandecer, só recebesse compaixão e escárnio. Nos claustros, nos descampados, em meio das multidões, durante as lides mais pesadas, orava constantemente, não por obrigação, mas porque na prece encontrava um deleite adorável. Deleite maior, porém, era, para o franciscano, ensinar e servir. Assim, longos anos errou entre os homens, vertendo seu coração como a água de um rio, oferecendo os seus braços como alavancas incansáveis; e tão depressa, numa ladeira deserta, aliviava uma pobre velha de sua carga de lenha, como numa cidade revoltada, onde reluzissem armas, se adiantava, com o peito aberto, e amansava as discórdias.

Enfim, uma tarde, em véspera de Páscoa, estando a descansar nos degraus de Santa Maria dos Anjos, avistou de repente, no ar liso e branco, uma vasta mão luminosa que sobre ele se abria e faiscava. Pensativo, murmurou:

– Eis a mão de Deus, a sua mão direita, que se estende para me colher ou para me repelir.

Deu logo a um pobre, que ali rezava a Ave-Maria, com a sua sacola nos joelhos, tudo o que no mundo lhe restava, que era um volume do Evangelho, muito usado e manchado de suas lágrimas. No domingo, na igreja, ao levantar a Hóstia, desmaiou. Sentindo então que ia terminar a sua jornada terrestre, quis que o levassem para um curral e o deitassem sobre uma camada de cinzas.

Em santa obediência, ao guardião do convento, consentiu que o limpassem dos seus trapos, lhe vestissem um hábito novo: mas, com os olhos alagados de ternura, implorou que o enterrassem num sepulcro emprestado, como fora o de Jesus, seu senhor.

E, suspirando, só se queixava de não sofrer:

– O Senhor, que tanto sofreu, por que não me manda a mim o padecimento bendito?

De madrugada pediu que abrissem, bem largo, o portão do curral.



Contemplou o céu que clareava, escutou as andorinhas que, na frescura e silêncio, começaram a cantar sobre o beiral do telhado e, sorrindo, recordou uma manhã com Francisco de Assis à beira do lago de Perusa, o mestre incomparável se detivera ante uma árvore cheia de pássaros e, fraternamente, lhes recomendara que louvassem sempre o Senhor! “Meus irmãos, meus irmãos passarinhos, cantai bem a vosso Criador, que vos deu essa árvore para que nela habiteis, e toda esta limpa água para nela beber, e essas penas bem quentes para vos agasalharem, a vós e aos vossos filhinhos!” Depois, beijando humildemente a manga do monge que o amparava, Frei Genebro morreu.

II

Logo que ele cerrou os olhos carnis, um grande anjo penetrou diafanamente no curral e tomou, nos braços, a alma de Frei Genebro. Durante um momento, na fina luz da madrugada, deslizou por sobre o prado fronteiro tão levemente que nem roçava as pontas orvalhadas da relva alta. Depois, abrindo as asas, radiantes e níveas, transpôs, num voo sereno, as nuvens, os astros, todo o céu que os homens conhecem.

Aninhada nos seus braços, como na doçura do berço, a alma de Frei Genebro conservava a forma do corpo que sobre a terra ficara; o hábito franciscano ainda a cobria, com um resto de poeira e de cinza nas pregas rudes; e, com um olhar novo, que agora tudo trespassava e tudo compreendia, ela contemplava, num deslumbramento, aquela região em que o anjo parara, para além dos universos transitórios e de todos os rumores siderais. Era um espaço sem limite, sem contorno e sem cor. Por cima começava uma claridade, subindo espalhada à maneira de uma aurora, cada vez mais branca, e mais luzente, e mais radiante, até que resplandecia num fulgor tão sublime que nela um sol coruscante seria como uma nódoa pardacenta. E por baixo estendia-se uma sombra cada vez mais baça, mais fusca, mais cinzenta, até que formava como um espesso crepúsculo de profunda, insondável

tristeza. Entre essa refulgência ascendente e a escuridão inferior, permanecera o anjo imóvel, esperando, com as asas fechadas. E a alma de Frei Genebro perfeitamente sentia que estava ali esperando também, entre o Purgatório e o Paraíso. Então, subitamente, nas alturas, apareceram os dois imensos pratos duma balança – um que rebrilhava como diamante e era reservado às suas boas obras, outro, negrejando mais que carvão, para receber o peso das suas Obras Más. Entre os braços do anjo, a alma estremeceu... Mas o prato diamantino começou a descer lentamente. Oh! contentamento e glória! Carregado com as suas Boas Obras, ele descia, calmo e majestoso, espargindo claridade. Tão pesado vinha, que as suas grossas cordas se retesavam, rangiam. E, entre elas, formando como uma montanha de neve, alvejavam as incontáveis esmolos que semeara no mundo, agora desabrochadas em alvas flores, cheias de aroma e de luz.

A sua humildade era um cimo, aureolado por um clarão. Cada uma das suas penitências cintilava mais limpidamente que cristais puríssimos. E a sua oração perene subia e enrolava-a em torno das cordas, à maneira duma deslumbrante névoa de ouro.

Sereno, tendo a majestade de um astro, o prato das Boas Obras parou, finalmente, com a sua carga preciosa. O outro, lá em cima, não se movia também, negro, da cor do carvão, inútil, esquecido, vazio. Já das profundidades, sonoros bandos de serafins voavam, balançando palmas verdes. O pobre franciscano ia entrar triunfalmente no Paraíso – e aquela era a milícia divina que o acompanharia cantando. Um frêmito de alegria passou na luz do Paraíso, que um Santo novo enriquecia. E a alma de Genebro anteprovou as delícias da bem-aventurança.

Subitamente, porém, no alto, o prato negro oscilou como a um peso inesperado que sobre ele caísse! E começou a descer, duro, temeroso, fazendo uma sombra dolente através da celestial claridade. Que Má Ação de Genebro trazia ele, tão miúda que nem se avistava, tão

pesada que forçava o prato luminoso a subir, remontar ligeiramente, como se a montanha de Boas Ações, que nele transbordavam, fosse um fumo mentiroso? Oh! mágoa! Oh! desesperança! Os serafins recuavam, com as asas trementes. Na alma de Frei Genebro correu um arrepio imenso de terror. O negro prato descia, firme, inexorável, com as cordas retesas. E na região que se cavava sob os pés do anjo, cinzenta, de inconsolável tristeza, uma massa de sombra, molemente e sem rumor, arfou, cresceu, rolou como a onda duma maré devoradora.

O prato mais triste que a noite parara – parara em pavoroso equilíbrio com o prato que rebrilhava. E os serafins, Genebro, o anjo que o trouxera, descobriram, no fundo daquele prato que inutilizava um Santo, um porco, um pobre porquinho com uma perna barbaramente cortada, arquejando, a morrer, numa poça de sangue... o animal mutilado pesava tanto na balança da justiça como a montanha luminosa de virtudes perfeitas!

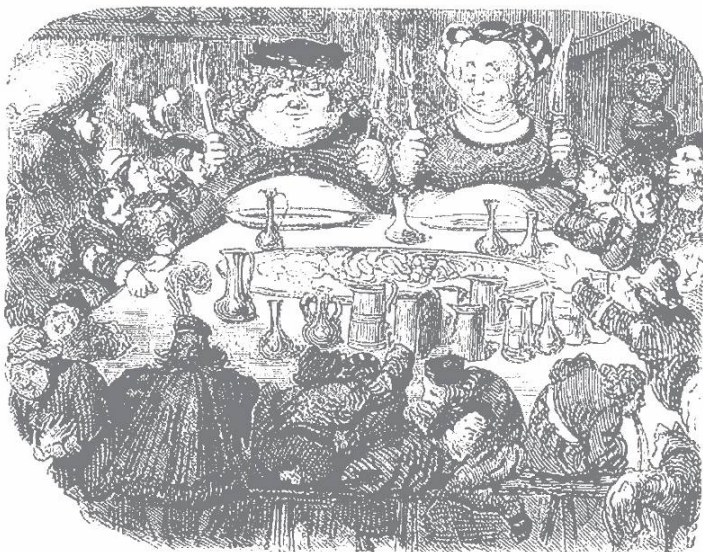
Então, das alturas, surgiu uma vasta mão, abrindo os dedos que faiscavam. Era a mão de Deus, a sua mão direita, que aparecera a Genebro na escada de Santa Maria dos Anjos, e que agora supremamente se estendia para o acolher ou para o repelir. Toda a luz e toda a sombra, desde o Paraíso fulgente ao Purgatório crepuscular, se contraíram num recolhimento de inexprimível amor e terror. E, na estática mudez, a vasta mão, através das alturas, lançou um gesto que repelia...

Então o anjo, baixando a face compadecida, alargou os braços e deixou cair, na escuridão do Purgatório, a alma de Frei Genebro. :V

FOME E SEDE DE GIGANTES

PAULO BENTANCUR

ESCRITOR, CRÍTICO, OFICINEIRO



Gravura de Gustavo Doré para *Gargântua*

François Rabelais (1493/94-1553) é um francês que não encontra similar nem na literatura francesa, nem em nenhuma outra literatura. Seu imaginário bebe das águas recém então escoadas do Medievo. Nem tão escoadas assim. Mas estávamos em pleno advento do Renascimento. Rabelais era médico, portanto possuindo uma relação com a vida natural e precária da época, e tinha uma relação (polêmica, claro) com a Igreja, a quem servia a seu modo. E da mesma forma via essa Igreja servir os fiéis a seu próprio modo, com monges cuja orientação ficava fechada na cartilha e a prática ultrapassava todo o respeito esperável. Esse contexto de discurso repressivo e prática excessiva levou o escritor a, em 1532, lançar um romance cômico, sem freio algum, popularmente conhecido como *Pantagruel*, um gigante – metáfora à parte – com fome, sede, luxúria e rudeza de gigantes. O título geral, “Os horríveis e apavorantes feitos e proezas do mui renomado Pantagruel, rei dos dipsodos, filho do grande gigante Gargântua”. Em 1534, publica o livro *Gargântua*, originalmente

intitulado “A vida mui horrífica do grande Gargântua, pai de Pantagruel”. Nada antes se vira de parecido nas narrativas das quais, aliás, Rabelais se alimentava, antropofagicamente (não de forma explícita como seus protagonistas): canções de gesta, epopeias, lendas, folclore.

A Sorbonne censurou tais obras ainda no prelo, e Rabelais teve de assiná-las com um anagrama do próprio nome: Alcofrybas Nasier. Trinta anos depois o Papa de então colocou tais obras no Index da Igreja, classificando-as de “heréticas”. Não surpreende. Entre todos os pecados concebíveis pelo homem, os cometidos por Gargântua e seu filho Pantagruel são inumeráveis. Aproveitemos uns recortes da gula, esse pecado capital mais, digamos, ameno. E mesmo este, na linguagem rabelaisiana, mostra-se além dos limites do concebível.

Falando da gravidez da avó paterna de Pantagruel, grávida de Gargântua, preses a dar à luz, temos essa sequência após a qual talvez o leitor apele para um sal de frutas: “A ocasião e a maneira como Gargamela pariu foi a seguinte. E, se não acreditais, que se vos caiam os fundos! Pois os fundos dela vieram abaixo no terceiro dia de fevereiro, após ter comido dobradinhas. Dobradinhas são as tripas de bois engordados no estábulo e muito bem cuidados. Daqueles bois gordos foram mortos trezentos e sessenta e sete mil e quatorze para serem salgados na terça-feira gorda; a fim de que, na primavera, se tivesse carne à vontade, para, no começo das refeições, salgar bastante a boca,

para melhor se entrar no vinho.” E a descrição segue o capítulo inteiro, constituindo esta parte um terço dela.

Já no capítulo seguinte, esta breve descrição é seguida de extenso diálogo: “os garrafões iam e vinham, presuntos sumiam, pernis desapareciam, os copos voavam, as jarras de metal tilintavam. (...) – Com todos os diabos, falemos de bebida. – Eu não bebo senão às horas certas, como a mula do papa. – E eu só bebo em meu breviário, como um bom frade-guardião. – Que apareceu primeiro: a sede ou a bebida? – A sede, pois quem teria bebido sem sede durante o tempo da inocência? (...) – Nós outros, inocentes, só bebemos quando sentimos sede. – Pois eu, pecador, nunca bebo sem sede; senão presente, pelo menos futura, por previdência, como bem entendeis. Bebo pelo que virá”.

No capítulo XXVI, Pantagruel e seus companheiros, aborrecidos por comerem carne salgado, vão em busca de coisa melhor. A lista parece não ter fim: “vinte e seis perdizes cinzentas, trinta e duas vermelhas, dezesseis faisões, nove galinhas, dezenove garças reais, trinta e dois pombos bravos, dez ou doze lebres novas e coelhos, dezoito galinhas d’água, quinze filhotes de javali, dois filhotes de raposa, três raposas grandes. Ferindo, então, o cabrito montês com uma espaldeirada na cabeça, matou-o, e, quando o trazia, recolheu as lebres, as galinhas d’água e os filhotes de javali. E logo que se aproximou bastante para ser ouvido, gritou, dizendo, ‘Panúrgio, meu amigo, vinagre, vinagre!’”

Tais instantes de um paladar sem o mínimo refinamento e uma natureza faminta até não poder mais se multiplicam. E não é à toa que a edição brasileira, extremamente bem editada pela Itatiaia, de Belo Horizonte, traz 944 páginas e centenas de ilustrações de Gustavo Doré, o maior de todos em sua arte (depois do que fez em *A Divina Comédia*, de Dante, e *Dom Quixote*, de Cervantes, bastando a dupla insaciável dos abissais glutões de Rabelais para completar o trio do ápice da arte de um desenhista que rivaliza com a literatura a que dá outra forma).

Comida leve

Naturalmente haverão os que – embora cientes de estarem frente a um colosso da literatu-

ra clássica (embora obra isolada, friso bem, a não deixar influências para trás) –, pedirão tão somente um prato frugal, algo mais leve, palatável.

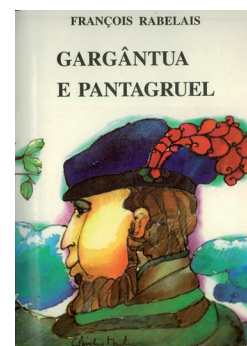
Não é o outro o caso do conto (que virou filme homônimo dirigido por Gabriel Axel e ganhando o Oscar de filme estrangeiro em 1988), *A festa de Babette*, da dinamarquesa Karen Blixen (1885-1962), também conhecida pelo pseudônimo de Isak Dinesen (com que assinou o festejado romance *A fazenda africana*). Uma tocante história de uma militante que viveu a experiência da fome, fugitiva da Comuna de Paris em 1871, e que vai para um povoado pobre da costa da Noruega. Em troca de abrigo, oferece seus serviços de cozinheira. Bem tratada, tem uma intensa relação afetiva moldada nas próprias dificuldades de cada um dos habitantes do lugar. Até que Babette... ganha na loteria! O que fazer com tanto dinheiro? Só mesmo uma protagonista como ela, com trajetória tão precária, para pôr o dinheiro em segundo plano.

Antes de qualquer coisa, o povoado inteiro precisa de uma mesa bem servida. Babette não hesita. Prepara um suntuoso banquete para todo e qualquer habitante. Uma das irmãs que a acolheram encerra o conto numa cena de inevitável gratidão, comovida por um sabor que transcende o que lhe foi servido.

O exagero de Rabelais era só provocação, embora necessária. :V



Editora Cosac Naify
tradução:
Cassio de Arantes Leite
64 páginas - 2012



Editora Itatiaia
tradução:
David Jardim Júnior
946 páginas - 2009
ilustração Gustavo Doré

A COMIDA TAMBÉM CONTA HISTÓRIAS

JUSSARA PEREIRA DUTRA*

CHEF DE COZINHA DO PALÁCIO PIRATINI

A partir das novas funções da ala residencial do palácio Piratini, antes utilizada apenas como moradia do governador, a cozinha da casa passou a ter outra função, a de representar e valorizar a gastronomia local, re-
vendo o próprio conceito de culinária regional comumente utilizado no Rio Grande do Sul. É importante lembrar que a população de nosso Estado caracteriza-se por sua diversidade étnica, consequência da imigração ocorrida durante os séculos XVIII, XIX e XX. A partir desse dado, é possível identificar aqui a presença de mais de duas dezenas de etnias, incluindo portugueses, espanhóis, alemães e italianos,

além de indígenas, africanos, tchecos, húngaros, judaicos, russos, poloneses, franceses, etc. Cada imigrante trouxe, juntamente com o sonho de uma vida melhor, seus hábitos alimentares e o modo como se relacionava com os alimentos. Esta riqueza gastronômica integra-se à culinária rio-grandense e merece ser devidamente explorada.

O livro de receitas *Cozinha do Palácio Piratini* vai divulgar a gastronomia regional e a diversidade étnica do Rio Grande do Sul, assim como valorizar a culinária das diferentes regiões do Estado. Traz receitas pesquisadas pelo Grupo de Trabalho em Gastronomia do Estado e dos pratos típicos preparados pela Cozinha do Palácio. Além das receitas, o livro está recheado com artigos de diversos autores, entre eles Luiz Antonio de Assis Brasil, Renata Menasche, Luiz Cláudio Knierim, Mauro Cingoloni, Maria Eunice Maciel e Maria José Guazelli.

Com a criação do Grupo de Trabalho em Gastronomia Regional, através do Decreto Governamental de 13 de dezembro de 2011, pela primeira vez o Rio Grande do Sul passou a conferir um tratamento diferenciado à gastronomia e a todos os setores econômicos a ela relacionados. O trabalho consiste em pesquisar e divulgar a gastronomia do Rio Grande do Sul, de forma a potencializar o Turismo, a Cultura e a Agropecuária, o desenvolvimento regional, a capacitação profissional e a geração de renda e trabalho.

Cozinha do Palácio Piratini resgata, guarda e registra uma tradição oral que a contemporaneidade e suas circunstâncias têm-se encarregado de apagar ao longo do tempo. E essa memória culinária que, assim como a própria língua, carrega em seu âmago a cultura de um povo, vem sendo registrada por meio de uma pesquisa que, até dezembro de 2013, pretende englobar 140 municípios. Para isso, estão sendo feitas visitas a residências, grupos de terceira idade, clubes e produtores agrícolas. :V

“ A comida é
uma voz que
comunica, assim
como a fala,
ela pode contar
histórias. ”

Renata Menasche



Capa do livro - Cozinha do Palácio Piratini

*Jussara Pereira Dutra é a organizadora do livro *Cozinha do Palácio Piratini*, lançado durante o Primeiro Festival de Gastronomia RS.



LITERATURA E CULTURA GASTRONÔMICA*

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL
ESCRITOR

*Este texto foi extraído do livro *Cozinha do Palácio Piratini*, lançado durante o Primeiro Festival de Gastronomia RS.



Pieter Bruegel, O casamento do camponês

Gostaria que este texto fosse entendido como o depoimento de um senhor que dedica atenção especial à gastronomia e que, tal como todos, gosta de um prato bem elaborado, em que os ingredientes mesclam-se, e não ficam brigando uns com os outros; este senhor é habitual nas cozinhas, para ver como os pratos são elaborados, mas que não possui o menor talento para a culinária, e admira e inveja as pessoas que, como uma mágica, fazem surgir um prato fumegante à nossa frente, estimulando-nos a gula e o prazer; mas este senhor gosta, principalmente, de entender a culinária como a expressão de um

povo e de uma cultura, bem como o retrato de uma economia.

Assim, peço licença para convidar o leitor para percorrer alguns itinerários que considero interessantes. Como por acaso sou escritor, peço perdão por forçar a mão nas obras literárias.

Vamos lá.

A gastronomia, que mundo!

O que era o simples alimentar-se para sobreviver tornou-se, no decorrer das eras, num processo refinado em que a elaboração resultava decisiva para que a comida fosse aceita. Quer-se dizer: conjugava-se o gosto à necessidade. Esse processo encontrou, em diferentes pontos do planeta, a influência dos fatores ambientais e culturais. A apresentação do prato sofisticou-se a tal ponto que é difícil dizer onde termina o fator alimentar e começa a intervenção criadora. Em outras palavras: a gastronomia tornou-se fenômeno *cult*, competindo com as artes plásticas, com o cinema e outras expressões da sensibilidade contemporânea. A presença midiática da gastronomia é espantosa, em especial na TV, em que os cozinheiros passaram à condição de pop stars, competindo com grandes cantores, bandas de rock e astros da tela.

Elemento essencial à existência da vida, o alimento configura-se como a mais poderosa presença na sociedade humana. É o alimento que provoca as guerras e faz a paz; é o alimento que leva a ações e reflexões. É o alimento a substância que nos acompanha desde que nascemos até nossa morte e, por isso, é capaz de gerar bens simbólicos, aquilo a que chamamos de arte.

Todas as artes formais, de uma maneira ou de outra, representaram a culinária, que vem a ser aquela habilidade específica que se ocupa da confecção dos alimentos. Cabe, portanto, ver as formas de expressão artística em que a comida e sua elaboração são mais visíveis.

Pensando exclusivamente na literatura, podemos dizer que os textos relativos à gastronomia são tão antigos quanto a própria escrita. Não falemos aqui das referências bíblicas, que vão desde o maná que, caído dos céus, alimentava o povo hebreu em sua longa peregrinação no rumo da terra prometida, nem da passagem evangélica sobre o milagre da multiplicação dos peixes e dos pães, nem das núpcias de Caná, em que Cristo transforma o mau vinho em vinho de primeira – tudo isso é conhecido por qualquer pessoa de cultura mediana. Gostaríamos de referir a algumas expressões literárias e artísticas em sentido estrito, e então é inevitável referir à obra *De re coquinaria* (em geral traduzido como *Dez livros de cozinha*) do romano Apicius, que viveu no I século A.C., que se envenenou – isto é, literalmente morreu pela boca – depois de dilapidar toda sua fortuna. Pois este *bon vivant* falido dedicou sua vida à comida, sendo célebre por suas receitas. Escreveu sua obra maestra sob o imperador Tibério, um período histórico que não se notabilizou pela sobriedade; mas o latim de Apicius era tão refinado que podemos considerá-lo um verdadeiro escritor. Durante a Idade Média suas receitas foram objeto de supressões e acréscimos, e a cada cópia esse belo latim foi-se abastardando, mas mantendo, na essência, o material original, no qual se sobressaem os ragus e as famosas salsichas que levavam o nome do Imperador.

É, talvez, com Rabelais, em pleno Renascimento, que podemos encontrar a primeira obra ocidental de fama que inclui a comida entre seus itens fortes. O livro *Gargântua e Pantagruel*, um verdadeiro best-seller, mostra-nos um *gourmand* poderoso, Gargântua. Ele, um gigante, tem um apetite de devorar carneiros por inteiro, vacas, porcos e tudo o mais que seja grande. Dele surgiu o adjetivo “pantagruélico” que significa um apetite superior à média. Claro, estamos nos domínios da aberração alimen-

tar, e é momento de pensarmos em coisas mais sensatas.

Quase todos os romances possuem referências à gastronomia. São célebres os intermináveis jantares nas obras de Eça de Queirós. O mais célebre é aquele, caríssimo, que pagou Artur Corvelo a uma chusma de poetas, críticos e dramaturgos lisboetas, no romance *A Capital*. Pagou, sim, mas de nada adiantou, pois não atingiu seu objetivo de consagrar-se como literato em Lisboa. A descrição do ágape é minuciosa e extensa e, com isso, Eça cria um recurso de intensa originalidade para mostrar aos leitores como aquele tempo custava a passar para a personagem, agoniada em mostrar seu talento: os convidados, torcendo-se de fome, com ânsia por se atirarem às ostras, tiveram de escutar a leitura num “silêncio hostil”. Com isso, mais longa ficava a peça, até que, enfim, a personagem central, um poeta, morria atravessado por um florete. Os aplausos frenéticos, na verdade, eram mais para o jantar que começavam a servir do que, propriamente, à peça teatral.

Também no romance *A ilustre casa de Ramires* vemos o protagonista participando de um jantar. Gonçalo Mendes Ramires *começou por uma pratada de ovos com chouriço, devorou metade da tainha, devastou o seu “frango de doente”, clareou o prato da salada de pepino, findou por um montão de ladrilhos de marmelada; e através deste nobre trabalho, sem que a fina brancura da sua pele se afogueasse, esvaziou uma caneca vidrada de Alvaralhão*. À noite, nem é preciso contar, teve um tremendo pesadelo, em que via pessoas cavalgando tainhas.

Outra deliciosa passagem gastronômica vemos em *A cidade as serras* do mesmo Eça de Queirós. Jacinto de Tormes, milionário e entediado, que seu criado dizia sofrer “de fartura”, vivendo no célebre 202 da Champs Elysées, oferece um jantar a seu grupo seletivo de ricos e nobres. A cozinha ficava num andar inferior, e os pratos subiam à sala de refeições através de um montacarga com funcionamento elétrico. Um convidado, um Grão-Duque, mandara vir de sua propriedade na Dalmácia um peixe especialmente raro. Em certo momento os cozinheiros puseram o prato na montacarga e esta



Toulouse-Lautrec, Henri French

de repente emperrou. Pânico, mas logo resolvido sob gargalhadas: com o grampo de cabelo de uma senhora e fios improvisados, “pescou-se” o peixe que, assim, pode ser saboreado por todos. Imagina-se que esta foi a primeira vez em que houve uma pescaria na qual o peixe veio já cozido.

É curioso saber que Eça, ele mesmo, magérrimo, era um inapetente irremediável. Enquanto seus amigos comiam com abundância, viam-no a um canto da mesa, picando tristemente algumas azeitonas. Talvez por isso que são tão comuns as personagens gordas – num tempo, é claro, em que a gordura significava saúde. Já no início do romance *O crime do Padre Amaro*, o leitor é apresentado ao cônego da Sé de Leiria, José Miguéis, que viam descer da Sé, muito gordo, provocando a fala do dono da botica em frente: “Lá vai a jiboia a esmoer. Um dia rebenta”. E rebentou, isto é, morreu. Com essa morte dá-se a vaga na paróquia, preenchida pelo Padre Amaro, um jovem cura que acaba por protagonizar o romance. De algum modo, não existiria o Padre Amaro se não fosse o comilão José Miguéis, e não teríamos uma das mais importantes narrativas da língua portuguesa.

Nosso parnasiano Olavo Bilac, o mesmo poeta etéreo e sublime de *Ora direis, ouvir estrelas*, não era tão etéreo assim. Tinha hábitos de colecionista dedicado e exigente, além de ser um *gourmet* conhecido no Rio de Janeiro. Colecionava cardápios, ora guardados na Academia Brasileira de Letras, para recordação das boas mesas que frequentava, tanto oficiais como privadas, incluindo-se aí as ementas servidas em navios.

Não custa referir a outro *gourmet* notório, o acadêmico ilustre Antonio Houaiss, sim, o mesmo autor do dicionário. Era magérrimo, algo desconcertante. Constituíam-se uma experiência de extasiar vê-lo falando nos pratos que preparava e nos almoços de que participava. Tinha dezenas de receitas de cabeça. Ninguém se aborrecia estando com ele.

Não precisamos ficar apenas com Eça ou Bilac ou Houaiss. Num exemplo bem local, podemos perceber o quanto Erico Verissimo falava em comida nos seus romances. Logo no início do capítulo “Um certo capitão Rodrigo”, integrante da trilogia *O tempo e o vento*, o épico fundador da estirpe dos Cambará pede por uma comida ao bolicheiro, logo que chega a Santa Fé. O que o pobre homem consegue é apenas uma linguiça frita, que Rodrigo come com especial delícia, furando-a com um espinho de laranjeira. É impossível ler a passagem sem que a boca não se encha de água.

Outro autor que dedicou especial atenção à culinária foi Jorge Amado, o qual esbanja conhecimento das receitas clássicas do Recôncavo. Em quase todos os livros há comida, e farta: *Tieta do agreste*, *Gabriela cravo e canela*, *Quincas Berro d’Água*, *Dona Flor e seus dois maridos* são apenas alguns exemplos. Aliás, a última refeição de Quincas é uma delícia de moqueca. A filha do grande escritor, Paloma, chegou a escrever um livro com 142 receitas que aparecem nos livros do pai famoso.

Na indústria cultural do cinema, arte dominante no séculos XX e XXI, acharemos obras-primas que têm a gastronomia como foco central. Todos viram e reviram *A festa de Babette*, de 1987, ganhador do Oscar de 1988, dirigido pelo dinamarquês Gabriel Axel, com roteiro

baseado num conto de Karen Blixen. Todos temos na memória a soberba interpretação da veterana Stéphanie Audran. O enredo é simples; aliás, as grandes obras artísticas são simples. A protagonista surge na família de duas velhas senhoras solteiras, numa casa de aldeia da Dinamarca; ambas são filhas de um reverendo. A vida é monótona e rígida. Um dia, ganhando na loteria, Babette realiza um sonho: oferece um jantar a convidados religiosos e sóbrios. Esse jantar, essa festa, transforma-se no acontecimento mais esplêndido que ali já aconteceu. Os convidados deliciam-se com algo que nunca haviam imaginado. No fim, é uma celebração, da qual o espectador sente-se participando. É possível que este seja o mais importante filme em que a gastronomia é tema, mas não podemos esquecer o belo *Chocolate*, de 2000, de Lasse Hallström, com Juliette Binoche num papel inesquecível, e, também de 2000, o *Vatel - um banquete para o Rei*, de Roland Joffé, *Sob o sol da Toscana*, de 2003, dirigido por Audrey Wells, que explora todo o potencial gastronômico dessa região da Itália. Os títulos são muitos, e esta lista seria interminável.

Nas outras artes são inúmeras as representações da culinária. Na pintura, por exemplo, cabe referir aos artistas flamengos do século XVII. São célebres as representações dos interiores, como o daquela moça a verter o leite de uma jarra numa bacia, pronta para preparar um pão. Em outro quadro, representa-se uma vendedora de peixe recebendo seu pagamento na forma de algumas moedas que lhe dá o comprador. Um outro exemplo da arte flamenga está no célebre “o casamento do camponês” de Bruegel, em que a maior parte do quadro representa uma farta mesa, cheia de convidados, que, cantando e bebendo, fartam-se das tortas que são servidas pelos criados em bandejas enormes.

Ainda no domínio da pintura, quem não teve alguma natureza morta em suas paredes ou pelo menos, não conhece esses quadros, na maior parte ingênuos e convencionais, representando frutas e, ainda, queijos, animais de caça, tudo isso que constituía uma refeição primorosa. Aliás, era praxe, pelo menos até o final do século XIX, que as casas ricas tivessem

as paredes de suas salas de refeições decoradas com elementos da culinária, tal como a sala de música era ornamentada com pinturas de instrumentos musicais.

Para encerrar, gostaria de dizer duas palavras sobre as receitas culinárias.

Uma receita é, virtualmente, uma narrativa que, na essência, é um *how to do* que pressupõe começo, meio e fim, tal como um conto ou uma novela. Esse caráter narrativo da receita é muito interessante, pois a mesma mão que faz é a mão que escreve, e nesses processos convergem o talento culinário com o literário. Certo, por vezes o cozinheiro não sabe escrever, especialmente em sociedades ditas primárias, ou pior, “atrasadas”. A receita, nesse caso, é passada de geração a outra, até que encontra alguém que a escreve, preservando-a em sua essência. Tenho constatado que as receitas passaram por vários períodos, em sua longa história. As mais antigas, aquelas dos cadernos das nossas vovós, não apenas eram escritas com uma caligrafia primorosa (tempo não faltava) mas tinham preciosidades como “mexa bastante até que o braço fique cansado” ou “a calda deve ficar em ponto de pérola” ou, ainda, “procure escolher os ramos mais tenros da salsinha”. Chegam a comover. Atualmente, as receitas são mais técnicas, e nelas também foram inseridos elementos antes inexistentes, como a contagem de calorias ou a natureza integral do ingrediente a ser utilizado. Claro, ganhou-se mais precisão e saúde, mas claro, perdeu-se o romantismo. Fazer o quê? Nem tudo é perfeito.

Espero que tenham gostado da minha viagem.

E bom apetite! :V

ENQUANTO HUMANO

LUCIANA THOMÉ

JORNALISTA E ESCRITORA



Ilustração do livro *Enquanto água*, Rodrigo Pecci

Após a leitura de *Enquanto água*, livro mais recente de Altair Martins, foi fácil reconhecer um autor renovado. A qualidade literária dos livros anteriores permanece, reforçada pelos dois prêmios nacionais recebidos. Seu romance *A parede no escuro* foi agraciado com o São Paulo de Literatura 2009. E, recentemente, *Enquanto água* recebeu o Moacyr Scliar 2012.

O reconhecimento e os valores em dinheiro talvez não mudem o escritor, mas afetam o leitor. Minha releitura do livro de contos, lançado pela Record em 2011, foi marcada por isso. Talvez influenciada pelo prestígio alcançado e merecido. O fato é que o autor de *Como se moesse ferro*, *Dentro do olho dentro* e *Se choverem pássaros* cresceu, aparentando uma maturidade literária maior.

Enquanto água não é um livro fácil. Nenhum livro dele o é. A experimentação criativa encontra a crítica social em muitos textos. São narrativas profundas e bem desenvolvidas, cheias de nuances e sutilezas, onde o subtexto

e as metáforas se fazem marcantes, mas a presença do enredo ganha importância. Os personagens são fortes e verossímeis, e seus dramas são a síntese de todos os dramas humanos existentes. Um texto certo e uma linguagem poética, provocando duplos sentidos intencionais, cercando o leitor desde o início e arrebatando-o nas linhas finais. A minha interpretação de Altair Martins passa pela visão, razão e emoção. Na leitura, os olhos podem até achar que se enganaram sobre o que acabaram de ler. A razão fica um pouco de lado nesse terreno aparentemente firme. Mas a emoção sabe. É isso mesmo: sonhos e metáforas que configuram uma realidade que é um verdadeiro soco na cara.

Enquanto água tem dezoito contos, alguns deles já publicados em revistas e antologias. No livro, estão divididos em quatro partes: *Chuva na cara*, *Depois da chuva*, *Garoa* e *Água com gás*. Em cada uma, a relação com o elemento água se mostra diferente. Em *Chuva na cara*, a água

atinge os personagens, provocando reações e fazendo emergir seus conflitos. Em *Depois da chuva*, um único conto faz a transição da união do homem com o mundo. *Garoa* traz o elemento se voltando contra o homem. E em *Água com gás*, os conflitos cotidianos aparecem com força.

É a água que se mostra como elemento real ou fantástico, que liga ou separa os pontos. É a substância essencial à vida, mas que também pode caracterizar a morte. É a serenidade da paisagem ou a fúria de destruição. Aspectos ambíguos que caracterizam o ser humano. *Enquanto água* também é, em essência, enquanto humano.

O estilo de Altair Martins não é unânime. Entre os meus amigos leitores há quem ame e quem odeie. E acho que *Enquanto água* poderá deixar essa separação mais tênue. Há textos para todos os gostos, mas também com algumas irregularidades. Todos os contos têm qualidade e funcionam perfeitamente em conjunto. É difícil falar dos textos de *Enquanto água* sem cair na tentação do *spoiler*. No entanto, na comparação, alguns se destacam mais e sobre eles escreverei.

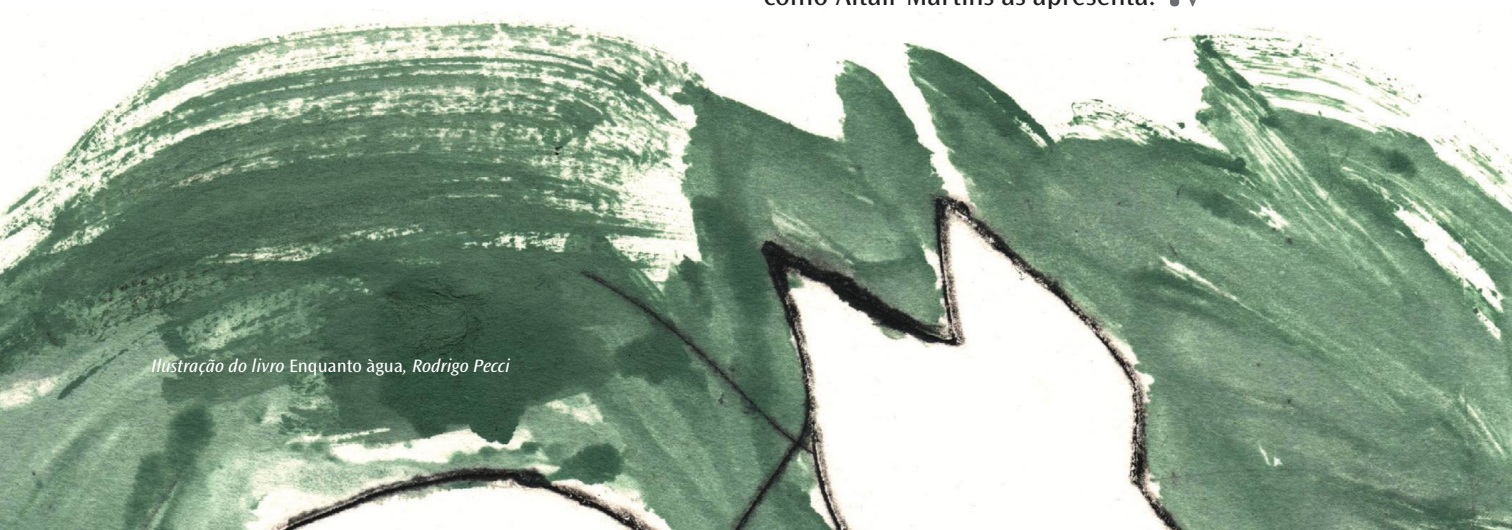
É o caso do texto que abre o volume, “Da margem futura”. Primoroso, conta a luta de uma mulher contra a correnteza que é sua própria vida: com uma filha recém-nascida, pondera se o melhor para o futuro é ficar onde está ou se separar do marido pescador e alcoólatra e unir-se ao dono da fruteira que a corteja. A tensão é forte em toda a narrativa. E o final surpreende: as últimas palavras do parágrafo final me deixaram perplexa, exigindo uma releitura. Outro destaque é “Presença”, que aborda o tema da traição, misturando religião e psicopatia. Aliás, a infidelidade conjugal é tema

de outros contos ainda: “O vão do lado esquerdo da ponte”, “Unha e carne” e “A última mulher adúltera”.

“O núcleo das estrelas” se destaca pela tentativa de provocar o humor através de diferentes linhas filosóficas e acadêmicas. Ao longo do texto, o personagem “Narrador” se apropria de ideias e conceitos variados, retirados de seu contexto para servir ao propósito de explicar os conflitos cotidianos. Nos três contos de *Garoa*, a experimentação da linguagem assume o protagonismo, em textos sem enredo determinado. “O resumo do mundo” é uma homenagem a *O Aleph*, de Jorge Luis Borges, no qual a Lagoa do Caldeirão é um local capaz de reunir todos os lugares e épocas do mundo, mostrando o passado e o futuro no presente. “Superágua” fala de uma substância encontrada nas profundezas do lago Baikal, que é capaz de beber todos os rios da Terra. E “Quase oceano quase vômito” é a vingança das águas sobre as pessoas.

Altair Martins ainda apresenta imagens surreais e muito bonitas em “O mar, no living”. O conto que dá título ao livro, *Enquanto água*, é o que mais se aproxima da literatura sensorial com uma grande metáfora sobre a trajetória humana e seus desígnios. Também brinca com o terror, no estilo Edgar Allan Poe, em “Cobranças”. O livro termina com “Toda a novidade do mundo”, apresentando a metáfora do dilúvio, onde a inundação aniquila, mas dá espaço para o recomeço.

Enquanto água é um livro múltiplo para voltar à leitura, inspirando-se nos movimentos da água do mar. Profundo feito oceano. Límpido feito água pura. E modificador feito enchente. Impossível ficar alheio à água e à vida na forma como Altair Martins as apresenta. :V



VOX recomenda:

TODOS OS HOMENS SÃO MENTIROÇOS
ALBERTO MANGUEL
 COMPANHIA DAS LETRAS
 184 PÁGINAS



como verdadeiro. A personalidade, o caráter e as ações do passado do protagonista mudam radicalmente de uma voz para outra, deixando o leitor livre para, ele próprio, selecionar virtudes e defeitos de Bevilacqua. Assim, ele próprio, o leitor, constrói o caráter mais adequado para a personagem, com as respectivas razões para ela ter agido como agiu no momento mais crucial de sua vida.

Com todas as razões oferecidas pelo autor, a pergunta a ser feita é: Alejandro Bevilacqua é um vilão, um herói, uma vítima das circunstâncias e da sua própria personalidade, ou ainda a parte mais frágil de um sistema que permitiu conspirar contra ele uma série de episódios capazes de marcar seu destino de forma tão trágica? O leitor, com seus conhecimentos e com as informações postas à mesa pelo autor, terá condições de se dar a resposta. E essa é a grande virtude do livro. Nada ali é definitivo, quatro versões são apresentadas, quem as conhece poderá tomar uma para si e ficar com ela. Ou poderá compor o seu próprio veredicto e ter todas as razões para argumentar a favor ou contra o protagonista da história. [Tailor Diniz]

A personagem principal de *Todos os homens são mentiroços*, de Alberto Manguel, chama-se Alejandro Bevilacqua, é um cidadão sem qualquer envolvimento político, um pacato e melancólico roteirista de fotonovelas que vive modestamente do que ganha, num bairro de Buenos Aires. Até o dia em que, por uma dessas circunstâncias que levam o verdugo a sacrificar uma vida alheia para resolver uma questão pessoal, é preso pelo governo militar. Fica trancafiado numa cela, durante um tempo impreciso, num lugar indefinido, sem saber do que é acusado. Manguel arquiteta a história de forma tão magistral que o leitor só descobre todas as faces de Bevilacqua, assim como a identidade e os objetivos das personagens circundantes, aos poucos, a partir da troca das quatro vozes narrativas do livro.

A chave dessa construção é a própria natureza humana e suas prerrogativas de ver e entender uma história sob os ângulos mais diferentes possíveis. E isso, bem sabe Manguel, depende de vários fatores: inveja, paixão, rancor, amizade, desejo de vingança – e por aí vai. A cada troca de narrador, a leitura ganha em surpresas, sempre com novas revelações capazes de deixar de pernas para o ar o mundo antes concebido

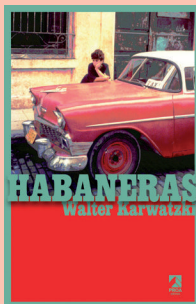
TÃO BREVE QUANTO AGORA [poesia]

ALVARO POSSELT

Professor de Língua Portuguesa, Alvaro Posselt participou de várias antologias. Publicou *O haikai em sala de aula*, em 2007. Sobre ele, diz o poeta Lau Siqueira: “[...] faz da linguagem um parque de diversões, onde tudo é possível”.

Blanche Edições
 80 páginas





HABANERAS [crônicas]

WALTER KARWATZKI

O livro foi escrito a partir de um diário do autor, que é fotógrafo e morou em Havana. No primeiro texto, Walter entende que esse trabalho revela “histórias simples, do cotidiano, com alguma graça, com certos significados e uma dose de magia”.

Proa editora

80 páginas



HAI-CÁBULOS [poesia]

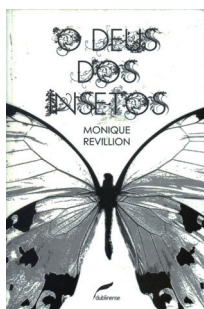
ANDRÉIA LAIMER E DIEGO PETRARCA

O livro faz parte do projeto Dulcinéia Catadora, que publica obras em prosa e poesia de autores latino-americanos em edições artesanais.

Os livros são feitos em papel reciclado pelos membros do grupo, em sua maioria catadores de papel.

Dulcinéia Catadora editora

44 páginas



O DEUS DOS INSETOS [contos]

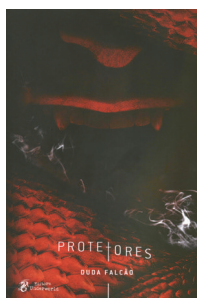
MONIQUE REVILLION

A autora é graduada em Jornalismo, tem contos publicados em antologias no Brasil e no exterior. Seu primeiro livro, *Teresa que esperava as uvas* (Geração Editorial), ganhou o Prêmio Açorianos de

Literatura/Livro do Ano, em 2006.

Editora Dublinense

96 páginas



PROTETORES [romance]

DUDA FALCÃO

Falcão é um dos poucos autores que se dedica à literatura fantástica e de ficção científica no Rio Grande do Sul. Tem contos publicados em vinte antologias do gênero. É graduado em História,

especialista em Literatura Brasileira e mestre em Estudos Culturais.

Editora Underworld

176 páginas

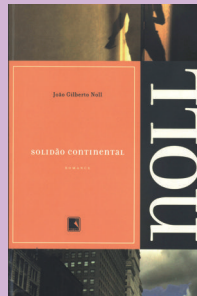


MOENDA DE SILÊNCIOS, ENCONTROS E DESENCONTROS NA METRÓPOLE [romance]

RONALDO CAGIANO E WHISNER FRAGA

Livro escrito a quatro mãos por dois escritores mineiros, que vivem em São Paulo, autores de vários livros individuais. Contam a história de

dois rapazes provincianos deslumbrados com a cidade grande, que não percebem as tramas de desgosto ocultas nas luzes de vitrines e de neons.



SOLIDÃO CONTINENTAL

[romance]

JOÃO GILBERTO NOLL

Segundo Jefferson Agostini Mello, trata-se de “um dos relatos mais intrincados de João Gilberto Noll, um mestre do narrar em primeira pessoa, que, ao instaurar

mais esse impasse, transforma o leitor no duplo do protagonista.” Noll ganhou vários prêmios, entre eles o Jabuti, em cinco oportunidades.

Editora Record

128 páginas

CINZAS SOBRE O MAR

MARLON DE ALMEIDA
JORNALISTA E ESCRITOR

Joguei as cinzas do pai sobre o mar,
o vento as levou para a terra.

E assim como a ave que leva
a palha ao ninho sem nada

ando a buscar o que já não há,
o corpo do pai na memória do pó.

Marlon de Almeida é doutor em Letras, autor de Prosa do Mar (7Letras/2008) – vencedor do prêmio AGES de poesia e finalista do Prêmio Açorianos 2009.

VIRGINDADE

MARIANA MÜLLER

JORNALISTA

– Não tem problema, mãe. A gente se ajeita com dois colchões de solteiro.

Meu quarto não tinha mais cama, era habitado apenas pelas bonecas antigas da minha infância. Eu insistia para que a mãe doasse algumas, mas sempre surgia uma desculpa. Ela até conseguiu se desfazer de meia dúzia – que nem eu lembrava que tinha –, mas as mais significativas estavam todas nas prateleiras.

Nas poucas vezes em que dormi no meu quarto depois de me mudar, tinha a sensação de que as bonecas me faziam perguntas. Os olhos de plástico pareciam me censurar a todo custo. Estava influenciada pelas maluquices americanas, só podia.

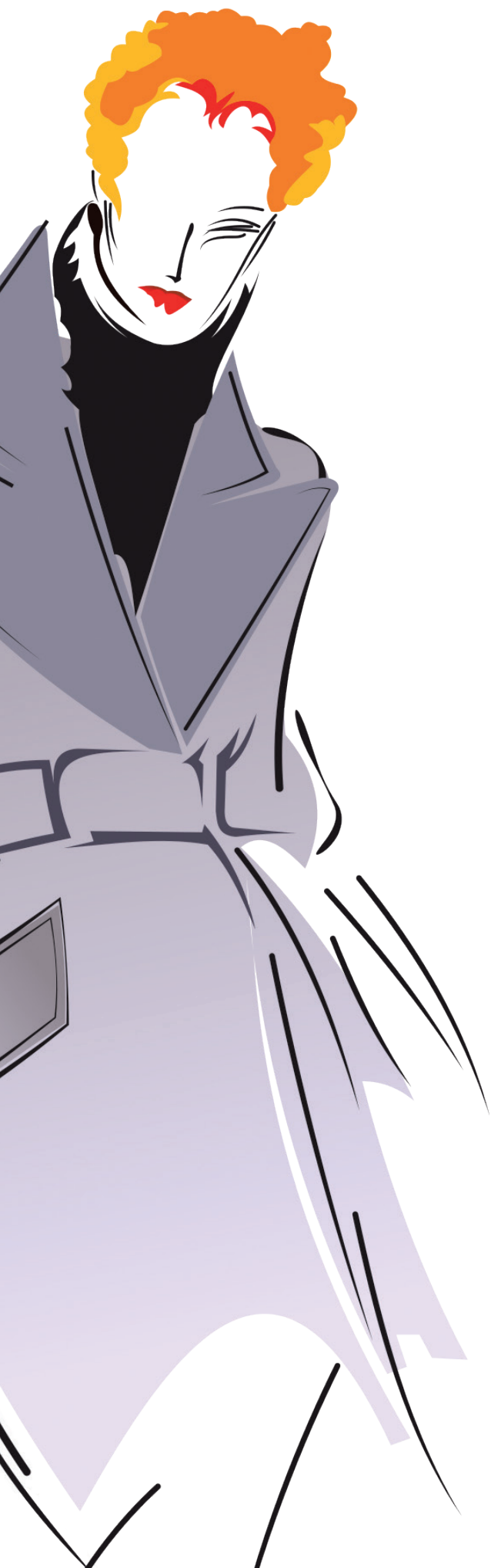
Aquele fim de ano não teria neve. Vim para o Brasil com o Jonathan sem um motivo específico. Estava cansada do Natal cinza e branco com gente correndo atrás das liquidações. Me arrependeria da decisão tão logo os termômetros ultrapassassem os 35 graus.

Além da falta de um colchão de casal, minha mãe se preocupava com problemas graves como o fato de a doceira ter recusado uma das encomendas de torta que ela fizera. Entregaria apenas uma unidade com 45 fatias de brigadeiro e felicidade. A dona Jurema, costureira, estava de prontidão, com espaço reservado na agenda para as barras das minhas calças feitas com fita adesiva. Também teria de dar um jeito num vestido que comprei por cinco dólares, mesmo detestando a manga. De São Francisco, eu mesma telefonei para a depiladora com mais de um mês de antecedência.

Estávamos juntos havia pouco mais de dois anos, e Jonathan não conhecia a casa onde me criei, em uma cidade pequena no oeste de Santa Catarina. Tudo parado. Só a terra vermelha voava, invadindo as calçadas.

Na primeira olhada, percebi que as paredes tinham ganhado uma nova mão de tinta na parte interna e nos muros. Na piscina, os azulejos novos exibiam desenhos de pequenos peixes coloridos. O número de flores crescia e novas mudinhas brotavam em todos os cantos do jardim. O parque continuava o mesmo, com os riscos que fiz quando andava de patins, durante o inverno, escondida no corredor. Em alguns pontos da madeira, pequenos





furos lembravam que usávamos salto alto na adolescência, em festas na sala de casa.

O primeiro banquete foi uma janta. Ainda bem que o Jonathan tinha aprendido as palavras pastel e tapioca. Foi só o que comemos. Bebi um litro de suco de laranja espremido pelo pai em seu super processador, depois de mais de meia hora para convencê-lo de que não precisava abrir o barril de chope naquele momento. De sobremesa, meia dúzia de pêssegos que impressionaram meu namorado pelo sabor.

Deitamos nos colchões encostados. Mal nos mexíamos em uma mistura de cansaço, excesso de comida e tranquilidade. Os lençóis cheiravam a interior e o edredom era o mesmo das minhas noites de pesadelos e dos primeiros sonhos eróticos. Estava gasto e, talvez por isso, sentia-o delicado ao tocar a minha pele. Apagamos.

O horário de despertar naquele quarto era pouco depois das sete e meia. A luz do dia penetrava de um jeito safado pelas venezianas e, em seguida, pela persiana. Alcançava meus olhos de forma certa. Lembro-me que brigava com a luz até cansar, com a mesma preguiça e insistência desde os oito anos. O Jonathan, não. Abriu bem os olhos no primeiro raio de sol. Me abraçou com gosto pelas costas e beijou meu ombro.

Não me movi, mesmo depois de uns dez minutos de bitocas no ombro, no braço e no pescoço. Gostava de brigar com o sono e sempre acreditava que o venceria. Mas ele foi seguindo. Reforçou os beijos no pescoço, fez um carinho na minha coxa. Encaixou mais o corpo no meu. Passei a mão no seu braço, meu primeiro sinal de estar viva.

As bonecas observavam a movimentação com seus olhos de acrílico.

Jonathan intensificou os carinhos, mordiscando minha orelha esquerda. Caminhava pelo meu corpo com suas mãos grandes e alvas. Parecia que desenhava ou escrevia algo em mim. Terminou o texto. Encaixou uma mão com força na minha virilha e encontrou o peito esquerdo, o preferido.

– Este quarto ainda é virgem – falei em um português sonâmbulo e desajeitado.

– Ok.

SERGIO NAPP

quem sabe debulhas o trigo
pelas manhãs?
quem sabe lanças o milho
sobre a terra
para que venham comê-lo
as aves e os pardais, mãe?
quem sabe sovas o mate
na expectativa de que a vida
possa ser?

quem sabe antecipas
o que não se conhece
e celebras o voo do bem-te-vi

há um mar imaginário em teus olhos
e um barco que te carrega

não te importas em desvendar os mistérios
a palidez que te cabe te serve de véu

colocar a mesa é cerimônia diária
que te consome as forças

cultivas a solitude
os dobres
as canções que não cantas

depositas flores no vaso
como se fosse a urna de quem partiu

és a mesma, embora diferente
e nada que se move te abala

o mundo foi feito por quem
desconhece a natureza humana

Sergio Napp é engenheiro e escritor, tem 22 livros publicados, entre eles Dias de verão, IEL/Corag (2012).

O MUNDO SE FECHA AOS NOSSOS OLHOS

MARCELLA MATTAR

Num instante, como numa espécie de intersecção entre uma ideia e outra, sentiu-se alheia ao resto do mundo. O movimento do ar era tão rápido, e não conseguia distinguir se o achava quente ou gelado. O mundo se fecha quanto mais a vontade é de sair.

A ânsia de fugir existe como um desejo permanente. Ainda há a esquiva, no entanto: momentos de fuga, de inacreditável distância entre o pensamento e o corpo. Os instantes pararam, a música congelou. Ficou olhando o teto sujo, o homem movia-se por cima dela ininterruptamente. Ao fim do sexo, Roberto deitou ao seu lado e exclamou um “ah”. A respiração dele era fugaz e próxima. O ar que saía pelas narinas tocava seu rosto, essa corrente de ar representando a única ligação entre eles naquele momento. Cecília pensou: o mundo se fecha aos nossos olhos. Sorriu, e o sorriso se estendeu até o próximo minuto. O som do rádio tocando, a janela do quarto escuro aberta. Já era quase noite, nenhuma luz viria do lado de fora. Viriam somente os barulhos da rua, mesclando-se à música que tocava no rádio. *Light my fire, The Doors*, banda preferida do Roberto. Ela entendeu que haviam criado um momento próprio, um mundo particular. O tempo passava numa velocidade diferente, as cores tinham outras sombras, os instantes eram carregados. Roberto entendia. Uma bolha? Não, não haviam criado nada como uma bolha, mas um espaço seguro entre os momentos a dois e o restante das horas. Um espaço cômodo e inatingível, ao qual pertenciam integralmente. A angústia, ali, era sufocada. A dor das horas era apagada, e Roberto entendia. Roberto entendia demais. Com ele, as horas se encaixavam perfeitamente numa sequência de sentir e pensar, respirar o momento. Tudo ali lhes pertencia.

Roberto entendia. Entendia que viver é um movimento livre. Viver é um movimento livre, Cecília escrevera uma vez. Dentre suas concepções e ideologias, a liberdade sempre estava presente como uma forma de expressão. Um movimento livre, Cecília?, ele perguntou quando leu. Ou talvez não tenha perguntado. Tudo se torna tão confuso quando muito do que é pensado não é dito (e tanto do que é dito foi impensado).

Roberto entendia que o barulho da cidade também deveria ser apreciado junto à música. Entendia que as palavras também estão no toque. Em sua mudez, um turbilhão de sentimentos: a respiração carregaria as palavras não ditas. O não dito se tornava mais relevante e bonito do que o realmente dito.

Ela não disse. Não disse que queria ficar ali, naquele espaço quente e confortante até conseguir sentir a dor parar. Não disse que queria esperar, de olhos fechados e em silêncio, o peito se encher de afeto. Não disse que queria aguardar o quanto fosse preciso até que as aflições desaparecessem subitamente. Que

escurecesse de uma vez, e que virasse dia novamente. Aguardar um olhar, uma palavra, um gesto dele para guardar na memória. Esperar que não precisasse dizer, que nunca precisasse dizer uma palavra sequer para ser entendida.

Cecília acendeu um cigarro, que se encaixava perfeitamente naquele intervalo de tempo. Roberto levantou-se da cama e foi fechar a janela. Cecília perguntou por quê. Não quero ver escurecer, ele respondeu. Mas já está escuro, meu bem. Não viu que não vem luz alguma do lado de fora? Em que planeta você está?

Para mim não, ele disse.

Cecília riu entre uma tragada e outra. Apagou o cigarro no lençol, sem se importar. Acendeu outro.

– Estamos paralisados – ela disse, serenamente.

Roberto virou para trás com um sorriso sarcástico.

– Isso é ruim?

– Não... Faz-me sentir bem. – Cecília disse, ou talvez não tenha dito. Talvez não tenha dito uma palavra durante a noite inteira, e todos os diálogos em sua memória agora sejam apenas especulações.

Roberto deitou ao seu lado novamente. Roubou o cigarro de suas mãos, embora não costumasse fumar, e levou-o a boca.

– Queria poder te levar para algum outro lugar.

Cecília suspirou.

– Eu sei.

Ele devolveu o cigarro, aproveitando para tocar suas mãos.

– Você me levaria para onde? – ela perguntou, lançando um olhar desafiador.

– Para alguma outra constelação – ele riu.

– Falo sério, Roberto. Dentro deste planeta. Para onde?

Ele respondeu com um “hm” pensativo.

– Aonde você gostaria de ir?

– Adivinhe.

– Você nunca me disse.

– Nunca falamos sobre lugares, mas você me conhece.

– Eu acho que você ia adorar Veneza.

– Veneza? Por quê?

– A beleza, Cecília. Você vendo a sua imagem refletida na água, atravessando todas aquelas pontes. Você ia se sentir viva.

– Você adorou Veneza. É a sua cara. Não a minha – ela retrucou.

– Não, meu bem... Você ia adorar Veneza.

Cecília ficou olhando para a janela, parecendo insatisfeita. Desejou por um momento que Roberto não houvesse fechado as persianas. E daí se está escurecendo? Você tem medo do escuro, Roberto? Ou simplesmente está querendo fugir?

– Você esteve lá em sua lua de mel. Você esteve lá com ela, não foi?

Ele respondeu com um olhar desapontado.

– Está certo. Desculpe-me... Eu deveria ter dito Grécia ou Egito.

– Sim. Grécia ou Egito estaria perfeito.

Silêncio. A música parou, e Cecília se perguntou há quanto tempo o CD havia acabado sem que eles tivessem percebido.

Havia muitas coisas que Cecília nunca havia dito. Ela nunca dissera que se sentia tola por continuar buscando uma aproximação maior a cada segundo, sentia-se insegura e inquieta por estar ao lado dele, apagando-se para dentro da vida de Roberto como um pássaro que, a cada tentativa de alçar voo, cai no chão. Viver é um movimento livre, e a queda faz parte desse processo contínuo e instigante que é a vida, ela sempre pensou. Mas a queda tem de vir de mim.

Depois de realizar isso, o espaço entre eles mudou – tornou-se algo sólido demais, sem toda aquela beleza que sempre enxergara nas horas ao lado de Roberto. Ela nunca disse que, bem na verdade, ele entrara na vida dela de modo que ela jamais entraria na dele. Cecília nunca disse uma palavra sequer – era uma existência quieta, beirando o precipício da vida, num estado quase interminável, sem nunca atingi-la. Sem nunca atingir o ponto – aquele ponto ao qual todos queremos chegar, onde a felicidade se faz presente, aquela clareza nas sensações e no sentido. Aquele ponto que esperamos, que não sabemos bem o que é (e nos preocupamos a vida inteira por talvez nunca sabê-lo), mas que acreditamos ser um ponto estável: a partir daqui, tudo está em seu lugar. Se está onde se quer estar. A partir daqui, acabou o desespero, findou a busca. Esse era o ponto, talvez inatingível. Cecília não se sentira assim ainda, e sequer sentiria, não enquanto continuasse no espaço confortável que havia construído. Um espaço longe da vida, é verdade. Um espaço de quase interminável, como quem fica sempre do lado de dentro da janela.

– Você não tem escrito mais? – Roberto perguntou.

– Tenho.

- Ah, é? Nunca mais ouvi você falar sobre a escrita.
- Ando meio desiludida. Parece que estou andando em círculos e nada chega a lugar algum.
- Isso é a vida, meu amor.
- A vida é andar em círculos?
- E não é? – Roberto respondeu.
- Só se você for um desistente.

Ele riu. Acho que você está se entregando demais, Roberto, ela pensou, não disse. Cecília queria chegar a algum lugar, sempre quis. Ela não disse, você não se importaria de continuar nessa inércia, nessa coisa que sempre nos remete a isso aqui – esse quarto, essa escuridão, nossas conversas, nossa vida compartilhada que não existe por fora dessas paredes. E aonde chegamos, agora? Deixamo-nos levar por essa onda, fomos indo quase sem pensar, seguindo um rumo que fluiu continuamente. Tudo parecia tão certo, natural. Agora, não mais. Agora, estamos aqui neste espaço beirando o esquecimento. Sinto a densidade destas horas, um peso enorme de profundidade imergindo sob mim, como num oceano imaginário. Estou dentro desse oceano, e a cada instante se torna mais difícil respirar. Sou eu mesma e, ainda assim, sou a parte de você que se fez presente em mim. Você, Roberto, está tão presente em tudo que me faz questionar sobre todos os outros espaços de mim que você não atingiu. Será que ainda existem? Há uma vida inteira sem você. Há uma vida inteira que poderia ser minha, sem você.

- Sobre o que é?
- O quê?
- O que você está escrevendo.

Ela olhou mais uma vez para a janela fechada. Odiou aquela janela fechada. Em sua imaginação, pulou bruscamente da cama e abriu as persianas com raiva. Disse: Olha! Disse inúmeras vezes, olhando para ele, estático na cama, com cara de assustado. Olha isso aqui! E o dia estava ensolarado e bonito lá fora. A paisagem vibrava de energia, escancarando a beleza do universo num espaço quadrado e pequeno de uma janela.

Roberto não olhou para a janela nenhuma vez. Olha! – ela continuou dizendo.

- É sobre janelas.
- Janelas?
- Ela não respondeu.
- Parece interessante – ele disse.
- Não é sobre janelas. É sobre tudo.

– Tudo?

– Tudo.

Roberto assentiu, pensativo. Cecília continuou:

– O ar, as partículas, as moléculas dele. Os pedaços de vida por aí. Isso aqui – ela gesticulou com a mão para o ar, para o nada. – Isso aqui é muito mais do que está acontecendo. Tem uma rajada de vento entrando pela porta, mas você só vai perceber se prestar atenção. Só se você realmente prestar atenção. Tem um monte de pensamentos instantâneos vindo a cada segundo na minha mente, e eu só irei senti-los se me entregar a eles. Tudo. Você entende?

– Acho que estou entendendo.

– E também sobre janelas.

– Os pedaços de vida que se enxerga através das janelas? – ele perguntou.

– A vida inteira que se enxerga por dentro das janelas.

– Como numa realidade invertida?

– Exato – ela concordou.

– Alguém por fora da janela, no meio do mundo, enxergando o que há por dentro dela? Como se a coisa fechada fosse o resto do mundo, e isso aqui fosse o que há para se enxergar?

– É isso, Roberto.

Ele sorriu, alegremente.

– Você é uma raridade mesmo – disse.

Ela queria dizer alguma coisa. Não sabia o quê. O espaço que haviam construído continuava sendo confortante. Mas estavam presos. A verdade é que estavam paralisados naquela realidade, uma rotina incrustada e sem movimento.

Cecília, lentamente, levantou-se da cama e foi andando sem pressa em direção à janela. Cada passo parecia uma eternidade. Respirou fundo, sentia a dor e a distância a cada passo que tomava. Sabia que o dia não estava bonito, tampouco seria claro, como em sua imaginação. A cada passo, parecia haver um peso a puxando para trás. Viu tudo em câmera lenta, sentiu que isso era o ato mais difícil que faria em anos. Ou na vida inteira, talvez. Pensou ouvir Roberto dizer alguma coisa, mas já não prestava atenção. Só o que ouvia eram palavras tumultuadas em sua mente. Estendeu o braço e puxou as persianas. Abriu o vidro. O mundo se abriu. A verdade é que ela adoraria Veneza.

BERENICE SICA LAMAS

borrifas a testa
de água fresca
e alcaloides
cítricos aromas e
sal doce
um ritual
patético
de adeus

os pregos na barra da saia
a flor na cintura
eu presa ao chão
estupor nos olhos

fecha o ciclo masoca
entra a possibilidade do amor

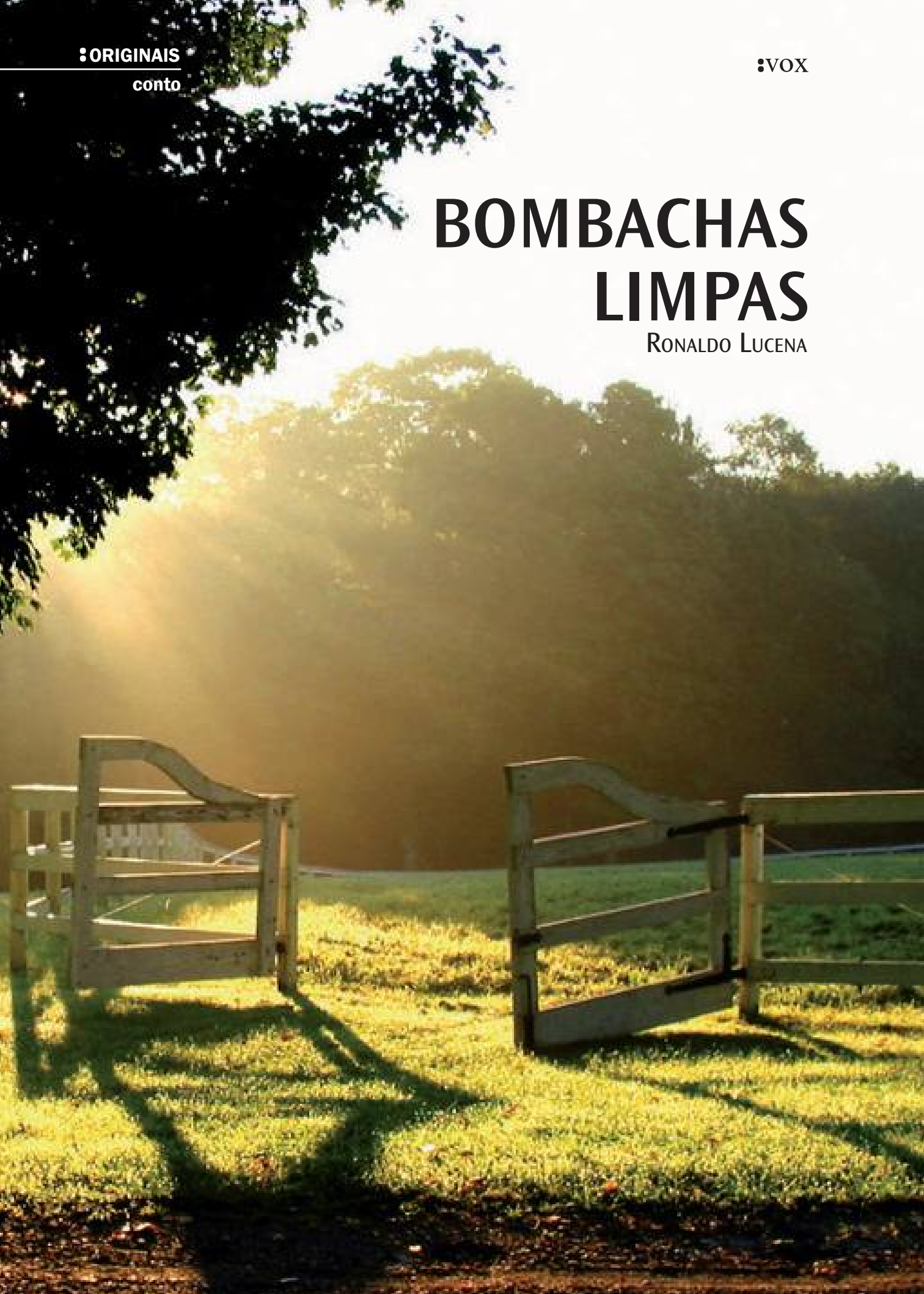
Berenice Sica Lamas nasceu em Pelotas (RS), é poeta e psicóloga, doutora em Letras, orienta oficinas literárias e tem mais de dez livros publicados.

• ORIGINALS
conto

• VOX

BOMBACHAS LIMPAS

RONALDO LUCENA



Da janela do rancho eu o vi cruzando a porteira. Corpo magro, de juntas bem agrupadas, cabelos longos de pouco movimento. Nas costas adivinhadas por ombros largos, um saco onde trazia alguns pertences. Não se é de ter medo quando alguém chega ao final da tarde? A um desconhecido dá-se água de beber. Dá-se algo de comer. Acalmei os cães do desespero. Depois de um “buenas”, ele só pediu ocupação.

Encheu a cozinha da casa de expectativas nos passos firmes, botas enlameadas, deixando a trouxa de roupas junto à soleira, pronta pra ir embora. Tinha a fala mansa, escassa, medida em cada palavra, contida em cada gesto. Todos os mistérios em um homem de bem.

Sentou-se à mesa, e meus olhos cruzaram com o castanho dos dele, pela primeira vez, por entre os vapores da sopa, no prato quente que deixei diante do seu rosto. Aproximei a lâmparina e não consegui desviar o meu olhar de sua barba espessa. Os fios negros, duros e ressequidos, carentes de águas e de um bom sabão, contornavam os lábios rachados do frio, juntando-se aos cabelos desarrumados e brilhosos, de mesmas necessidades. Medi os veios de sua pele até o brilho do peito provocado pela luz tímida da vela, na cor marcada do sol de dias de trabalho no campo. Pelos negros emergiam pela abertura da camisa sem botões, perdidos estes, talvez, no corcoveio de um galope ou movimentos mais fortes de músculos na enxada abrindo a terra. Os cheiros daquele corpo me invadiram, impregnando a alma.

Deixei, ao lado do prato, uma tigela com o pão que havia sovado nas minhas horas de solidão, mirando o verde do soja no campo, nas divisas do longe, desbotados pela vidraça, nas eternidades dessa minha espera. Ele ergueu o olhar e a mão deslizou suave sobre o bordado da cambraia, pegando o pão com dedos nodosos, longos, riscados de sangue coagulado pelo corte dos gravatás, com unhas que traziam barros de outras terras.

O branco dos grandes dentes alinhados em sua boca mastigaram com força, com necessidades de outras vidas, misturando em danças a dureza do pão nas umidades do caldo e saliva. Comeu com a força dos que têm fome e desconfiam do alimento que lhes é servido.

Tive certeza que a noite dele foi de descansos, pela ausência de barulhos em sua improvisada cama, quando se apagaram as luminosidades. A minha rangeu em cada segundo, em cada pico de febres que me inquietava o corpo, nos serpenteios de meus dedos, adivinhando cheiros, pesos e odores na vastidão dos meus lençóis, com tantos espaços a serem ocupados.

A manhã acordou o dia, batendo o sol no gelo acumulado no pasto e na lama. De minha vidraça eu o vi cedo na dança dos afazeres do campo, movimentando o escasso gado, manuseando as ferramentas. A bombacha rasgada, de panos frouxos, me

desesperava na angústia de sinais do corpo que preenchia a pele e os tesos músculos.

Dei-lhe algo para desfazer o jejum.

Preenchi o resto da tarde para que passasse pelo meu dia sem que eu percebesse. Busquei as lenhas para o fogo, preparei a comida, fervei as águas, lavei os lençóis. Espalhei folhas de alfazema, cheiros de manjeriço, alecrim e cidreira pela casa. Do rádio só as músicas me atingiam. Deitei meu corpo na tina e lavei cada centímetro de minha pele, meus pelos, meus cabelos. Preparei o chimarrão e pães tostados no forno, com manteiga e doce de figos. Ele entrou no rancho e os olhos desconfiados vasculharam a casa, agora com mais lampiões acesos. Dei meus lábios no primeiro mate, enganei-lhe a fome e tirei suas botas. Os dedos gelados dos pés tomaram cor em minhas mãos.

Aparei os cabelos na lâmina afiada da tesoura, caindo mechas pelo chão. Alinhei a barba, e quando suas mãos me envolveram tentando grudar nossas bocas, não deixei. Senti a firmeza dos braços, a força das mãos, a ofegância do peito, o hálito de urgências, a imponência de seu sexo. Tirei sua camisa deixando o cordão com a medalha no peito. Tirei as bombachas para que toda pele reluzisse na dança das labaredas, ficando mais alvos os dentes em sorriso aberto.

Usei a água aquecida do banho, fervida no calor dos galhos de angico, para desmanchar o peso dos passados, limpar as histórias mal vividas. Cortei as unhas lambendo cada resquício de outras estâncias. Lavei suas costas descobrindo suas curvas, testando a força dos relaxados músculos. Lavei os olhos, tratei as marcas de frio dos lábios com os meus seios. Untei as cicatrizes de suas mãos com minhas íntimas essências.

O inverno partiu deixando bombachas limpas e remendadas no varal, camisas com todos os botões e botas na soleira. A vidraça desembaçou vendo ossos carregando mais músculos e sorrisos iluminados pelo sol do campo. Surgiram flores bordando a mesa, temperos na comida, lençóis suados.

CONDICIONAL

MAURO PAZ

Conto do livro *Por razões desconhecidas*
(Instituto Estadual do Livro/Corag, 2012)

Dez anos depois que o marido Paulo desapareceu, Marisa ainda surpreendia-se com a campainha. Naquela manhã não foi diferente. A faca desabou sobre o alumínio e a cebola escorregou pia adentro. Ao segundo toque, Marisa secou as mãos no avental e correu. Lá fora, o rapaz do armazém com uma lata de creme de leite e o troco. Marisa desculpou-se pela demora e o convidou para entrar, queria saber as últimas da vizinhança. Ele agradeceu, tinha outras entregas e a mãe lhe torceria o pescoço caso, ao meio-dia, não estivesse tudo resolvido. Marisa, então, sugeriu que aparecesse numa hora de folga e despediu-se. Largou a lata sobre a pia e as moedas aos pés do ganesh em cima da geladeira.

Estrogonofe era o prato dos sábados, costume instituído pelo marido. Além do cardápio, os móveis da cozinha permaneciam. Assim como a cama, o sofá, a poltrona, a mesa de centro, a estante, as fotos de namorados e até o papel de parede da sala, que ela insistiu tanto com Paulo para trocar. Conservava assim, parte por saudade, parte por falta de dinheiro. O salário de professora pagava as despesas da casa, algumas roupas e a mensalidade da academia.

Os pedaços de cebola chiavam refogados. Marisa despejou os cubos de carne na panela. Cinco minutos durou a luta para abrir o vidro de cogumelos, tarefa que o marido realizava em segundos. Paulo tinha braços fortes. Nunca se dedicara a esportes, porém a alça da pasta de couro e a máquina de cortar grama, aos finais de semana, torneavam seus antebraços, sempre amos-

tra pelas mangas arregaçadas. Marisa despejou uma xícara de arroz na panela e levou ao fogo. A medida de uma xícara de arroz também era resquício dos tempos de Paulo. Exata porção para o casal. Enquanto o arroz fritava, encheu o primeiro copo d'água. Um outro sucedeu. Na panela ao lado, a carne frita. Acrescentou o molho de tomate e mexeu.

O fogão fazia sua parte. Marisa retirou dois pratos do armário e copos do corredor. Campainha. A louça despencou no chão. O vapor do arroz assobiava da panela. Pedacos de vidro a beira das sandálias. Campainha. Deu um saltinho sobre os cacos e foi até a porta. Lá fora, Paulo. Uns quilos a menos, rugas a mais, porém o mesmo sorriso que a levava ao cinema pela primeira vez na oitava série.

– O almoço está pronto? – disse ele.

Um tapa. Um beijo. Um grito. Marisa freou os três impulsos, disse para entrar. Paulo pediu licença. Sentou no sofá. Era de se admirar que passados dez anos as fotos, na estante, fossem as mesmas.

– Por onde esteve? – disse Marisa, na poltrona.

Paulo preferia não comentar, assim como não gostaria de falar para onde iria depois da visita.

– Então, por que reaparece?

– Para ter certeza de que não me espera.

Marisa conteve, mas a lágrima saltou espontânea. Paulo empinou o nariz e elogiou o cheiro da comida. Em todos os anos fora, não provou estrogonofe melhor. Marisa foi ao fogão. Enxugou o rosto com a barra do avental. Paulo reconheceu o balançar do quadril, o arrastar da sandália, a mão leve prendendo a franja na orelha. Marisa apagou as duas bocas. Retornou com cuidado, um caco beliscara seu calcanhar. Sentou no sofá.

– Podemos falar do que, então? – disse Marisa.

– De tudo, menos de mim e de você.

Beijaram-se um beijo desencontrado, digno de primeiro encontro. Paulo levantou, era melhor irem pro quarto. Marisa o puxou pela camisa. Transaram no sofá. Repousaram no carpete. Com a cabeça sobre o ombro de Paulo, indefesa, Marisa pediu que ficasse para o almoço. Paulo agradeceu, estava satisfeito. À porta do quarto, um rapaz forte, vinte e poucos anos, espiava só de cueca.

WILSON GORJ

A FOME NÃO ESCOLHE O CARDÁPIO

O lugar era ermo; o buraco, fundo e escorregadio.
Sobrevivera à queda, mas era certo que ali morreria.
“Ao menos, não será de fome”, consolou-se, depois de constatar a companhia dos ratos.

AMIZADE COLORIDA

Você, grande amiga, como sempre.

IDADE DO LOBO

Abriu a janela. Viu-se a si mesmo no quintal: nu, com uma galinha na mão; a boca ensanguentada; a galinha sem a cabeça.
Acordou. O sonho deu fome. Foi à cozinha.
De pijama, comeu o resto do frango assado.

ENGORDA

Era o terceiro só naquele mês. Por que fugiam? A filha sempre os tratava tão bem. A mulher, então... Alimentava-os mais do que o necessário. Chegavam magrinhos, magrinhos, e, em pouco tempo, já estavam redondos de tanto comer. E depois, simplesmente fugiam, os ingratos.

Assim pensava ele. Mas, para sua esposa, chinesa nata, os cães eram muito mais saborosos que ingratos.

AS NOVIDADES DA COLEÇÃO ORIGINAIS

O Instituto Estadual do Livro lançou mais oito livros da Coleção Originais, em parceria com a Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas/Corag. A Coleção Originais cumpre uma das mais importantes missões do Instituto Estadual do Livro, que é incentivar e reconhecer a qualidade de nossos autores, revelando talentos e colocando suas obras nas mãos do leitor.



EQUILÍBRIO DE AÇUCENAS [poesia]

HAYDÉE S. HOSTIN LIMA

A autora é natural de Paranaguá(PR), é graduada em História e preside a Casa do Poeta de Santa Maria, cidade onde reside atualmente. Sobre *Equilíbrio de Açucenas*, escreve Maria Regina Caetano Alves: “Não há dúvidas: este livro de Haydée S. Hostin Lima, escritora que cada vez mais eleva a criação literária contemporânea, desta vez em forma de poesia e açucenas, chega com as palavras mais bem escritas à época.”



DIAS DE VERÃO [contos]

SERGIO NAPP

Napp tem dezessete livros publicados e é autor de um dos clássicos da música regional gaúcha, *Desgarrados*, em parceria com Mário Barbará. Foi diretor da Casa de Cultura Mario Quintana e premiado em vários concursos literários. *Dias de Verão* é composto por dezenove contos costurados por uma só unidade: a contundência humana que os marca. Com uma linguagem marcante, traz à tona a voz de personagens tão díspares quanto reveladores.



O MOVIMENTO DO OCEANO [contos]

MARCELLA MATTAR

A autora nasceu na cidade de Dundee, Escócia, e veio para o Brasil aos três anos de idade. Aos dez anos, publicava poemas semanalmente num jornal da cidade de Rio Grande. Reside em Porto Alegre, onde estuda Psicologia. Uma das principais virtudes de *O movimento do oceano* é a unidade. Marcela Mattar brinda o leitor com uma ficção dotada de atmosfera afetiva e opressiva, sem perder o controle da narrativa, arte que domina com naturalidade e sem exageros.



PALAVRA ENGUIÇOU [poesia]

JÚLIO ALVES

O autor é natural de Criciúma (SC). Uma das principais virtudes de seus poemas é o enorme poder de síntese. O poeta escreve como se avisasse ao leitor que o veículo de sua emoção começa a emperrar, mas providências urgentes são tomadas: imagem, ritmo e distribuição espacial na página. Dessa forma, o que se busca na poesia é encontrado, já que os poemas de Júlio Alves funcionam contra todas as precariedades do real e do artefato.



CAOS [quadrinhos]

CARLOS FERREIRA

O autor é artista gráfico, diretor e roteirista. Desenvolve atividades nas áreas de cinema, quadrinhos, televisão e música. Tem quadrinhos publicados no Brasil, Argentina e Japão. É autor e roteirista dos álbuns *Kardec* e *Os sertões – a luta*, e da revista *Picabu*. *Caos* é uma novela gráfica que leva o leitor a uma dimensão onde as formas se metamorfoseiam para provocarem nele muitas e profundas reflexões.



POR RAZÕES DESCONHECIDAS [contos]

MAURO PAZ

Natural de Porto Alegre, o autor é formado em Letras e participou das oficinas de Criação Literária de Charles Kiefer e Luiz Antonio de Assis Brasil. Em seu livro de estreia, Mauro Paz demonstra grande maturidade para escrever sobre a vida na sua forma mais aguda, dolorosa e marcante. Um livro para ser lido sempre que possível.



O ÚLTIMO RETRATO [novela]

DENY BONORINO

O autor é artista plástico e reside atualmente em Porto Alegre. *O último retrato* é o seu primeiro livro. Uma narrativa simples, sem malabarismos formais, mas impregnada de vida. Suas personagens são criaturas reais conduzidas por um narrador ciente de suas possibilidades. Entre elas, a de que fazer o leitor mergulhar na atmosfera da história, que é a forma mais eficaz de mantê-lo interessado pela leitura até a última página.



VEMOS AS COISAS COMO SOMOS [contos]

GUILHERME SMEE

Publicitário e natural de Erechim, o autor participou das coletâneas *Ficção de Polpa* e co-roteirizou *Todos os balões vão para o céu*, escolhido melhor curta pelo júri oficial do Prêmio Histórias Curtas 2011/RBS TV. Cíntia Moscovich, que escreve a apresentação de *Vemos as coisas como somos*, diz que “Guilherme Smeé, nesse seu primeiro livro, mostra que iniciou o trajeto mirando adiante. Mesclando a dedicação ao estudo [...], nosso novo escritor demonstra grande capacidade de fabulação e um texto que se sedimenta na base da oralidade e da fantasia.”

OBRA DE THIAGO COELHO



POEMA URBANO

JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA

No edifício
mil vidraças
refletem
meu rosto
sem graça.

Na fumaça
dos carros
meu travo
meu nojo.

No estojo
do apartamento
meu corpo
de cimento.

No bulício
da partida
minha ferida.

Da exposição *A imagem da palavra*, que reuniu, em 2012, quinze artistas plásticos e quinze poetas gaúchos na Semana da Cultura do Rio Grande do Sul em Motevidéu, organizada pela Sedac.

A Companhia Rio-grandense de
Artes Gráficas - Corag faz a edição,
publicação e impressão do
Diário Oficial do Estado,
digitalização e gerenciamento
eletrônico de documentos e a
execução de produtos e serviços
gráficos em geral.

Há **40 anos** imprimindo
a história do Rio Grande.

Corag

*Companhia Rio-grandense
de Artes Gráficas*